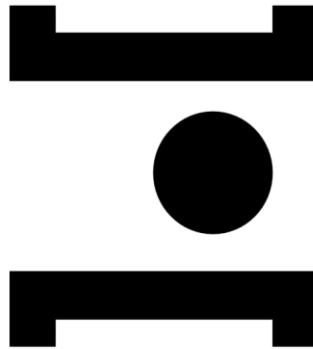


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM

Escola Superior de Educação de Santarém



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**Gestão e organização do ambiente educativo na promoção da
leitura: estudo exploratório no 1.º CEB e no 2.º CEB**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e
Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico**

Carla Maria Neves Pereira

Orientação: Professora Doutora Cristina Maria Junceiro Novo

Outubro, 2023

“Tão importante quanto o que se ensina e aprende, é
como se ensina e como se aprende.”

César Coll

Agradecimentos

A realização do presente trabalho exigiu um enorme esforço, empenho e dedicação. É com muita satisfação que expresso aqui o mais profundo agradecimento a todos aqueles que tornaram a realização deste relatório possível.

À minha orientadora, Professora Doutora Cristina Novo pela dedicação, empenho e disponibilidade com que acompanhou o decorrer dos meus estágios e me incentivou a concretizar este relatório, pelos comentários e sugestões referidas que foram cruciais para a elaboração do mesmo.

Ao meu marido e filha por todo o seu amor, incentivo e compreensão pelas minhas ausências.

Aos meus pais pelo seu amor incondicional a quem devo aquilo que sou.

À minha colega de estágio Adelaide Martinho pelas horas que passamos juntas, pelas experiências que partilhamos e pelo apoio no decorrer desta nossa aventura.

A todos aqueles que de uma forma direta, ou indireta tiveram sempre uma palavra de carinho e incentivo em todos os momentos desta caminhada.

A todos, muito obrigada!

Acrónimos / Siglas

CEB - Ciclo De Ensino Básico

HGP - História E Geografia de Portugal

PES - Prática De Ensino Supervisionado

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Resumo

O presente trabalho enquadra-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada que compõe este Mestrado em Ensino no 1º Ciclo de Ensino Básico e no Ensino de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo de Ensino Básico centrando-se no enfoque da intervenção educativa levada a cabo nos estágios realizados nos respetivos contextos, na questão que emergiu da prática pedagógica, a partir da qual foi realizada a investigação referente à organização do ambiente educativo na promoção da leitura. O presente estudo tem como objetivo aprofundar conhecimentos acerca da importância da organização do ambiente educativo na promoção da leitura. No decorrer deste percurso foram realizadas várias pesquisas recorrendo a autores de referência pedagógica que sustentam o percurso de desenvolvimento profissional e a investigação realizada, que integram este relatório.

Palavras-chave: organização do ambiente educativo, professor, leitura, 1º e 2º ciclos de ensino básico.

Abstract

The present work has as its framework the curricular subject of Supervised Teaching Practice course unit that makes up this Master's Degree in Teaching in the 1st Cycle of Basic Education and in Teaching Portuguese and Portuguese History and Geography in the 2nd Cycle of Basic Education, focusing on the focus of the educational intervention carried out in the internships held in the respective contexts, on the issue that emerged from the teaching practice, from which research was carried out on the organization of the educational environment in the promotion of reading. This study aims to deepen knowledge about the importance of organizing the educational environment in promoting reading. During this journey, several researches were carried out using pedagogical reference authors that support the path of professional development and the research conducted, which are part of this report.

Key-words: organization of the educational environment, teacher, reading, 1st and 2nd cycles of basic education.

Índice

Agradecimentos	II
Acrónimos / Siglas	III
Resumo	IV
Abstract	V
Índice	VI
Índice de figuras e gráficos	VIII
Lista de figuras	VIII
Lista de gráficos.....	VIII
Introdução	1
Parte I – O Estágio	3
1. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo de Ensino Básico	3
1.1. PES I em 1º Ciclo de Ensino Básico - 2º ano	3
1.1.1. Caracterização do Contexto Educativo	3
1.1.2. Prática Pedagógica.....	4
1.1.3. Considerações Referentes ao Estágio	8
1.2. PES II em 1º Ciclo de Ensino Básico - 4º ano	9
1.2.1. Caracterização do Contexto Educativo.....	9
1.2.2. Prática Pedagógica	10
1.2.3. Considerações Referentes ao Estágio	14
2. PES em 2º Ciclo de Ensino Básico	15
2.1. PES I em 2º Ciclo de Ensino Básico - 5º e 6º ano.....	15
2.1.1 Caracterização do Contexto Educativo	15
2.1.2. Prática Pedagógica	16
2.1.3. Considerações Referentes ao Estágio	18
2.2. PES II em 2º Ciclo de Ensino Básico - 5º e 6º ano.....	22
2.2.1. Caracterização da Instituição	22
2.2.2. Prática Pedagógica.....	22
2.2.3. Considerações Referentes ao Estágio	24
2.3. Percurso Investigativo.....	27
Parte II – Prática Investigativa	29

3. 1. Contextualização do estudo	29
3.2. Enquadramento teórico.....	31
3.2.1. Organização da sala de aula na promoção da aprendizagem - O espaço da sala de aula	31
3.2.2. Organização do espaço na sala de aula	32
3.2.3. Organização do espaço na promoção da leitura - A importância da leitura	38
3.2.4. O professor como mediador da organização do espaço na promoção da leitura.....	40
3.3. Aspectos metodológicos	42
3.3.1. Opções metodológicas.....	42
3.3.2. Sujeitos do estudo / participantes.....	42
3.3.3. Recolha e análise de dados	43
3.4. Apresentação e análise dos dados	44
3.5. Considerações finais.....	53
Reflexão Final	57
Referências Bibliográficas	60
Anexos.....	63
Anexo I - Grelha de observação do trabalho em grupo	64
Anexo II - Grelha de Observação de Aula	65
Anexo III – Questionário para Kaoot – “A Viúva o Papagaio”	66
Anexo IV – Questionário Ambientes de Leitura.....	74

Índice de figuras e gráficos

Lista de figuras

- Figura1 – Leitura da história “o bosque das figuras planas”
- Figura 2 – Construção de figuras com palhinhas
- Figura 3 – Elaboração das árvores presentes na história
- Figura 4 – Atividade “Dia da Família”
- Figura 5 – Representação da família dos alunos presentes
- Figura 6 – Visita à Padaria do E.Leclerc
- Figura 7 - Disposição das carteiras em filas e colunas
- Figura 8 e 9- Disposições das carteiras em grupos de quatro e seis lugares/alunos
- Figura 10 – Disposição em U
- Figura 11 – Disposição em círculo
- Figura 12 – Espaços de aprendizagem
- Figura 13 – Modelo original do Future Classroom Lab, European Schoolnet Academy

Lista de gráficos

- Gráfico 1 – Gosto pela Leitura
- Gráfico 2 – Local habitual de leitura
- Gráfico 3 – Hábitos de Leitura
- Gráfico 4 – Tipo de livros que mais gosta de ler
- Gráfico 5 – Local na escola preferido para a leitura
- Gráfico 6 – Atividade de leitura preferida dos alunos
- Gráfico 7 – Contexto de leitura preferido dos alunos para leitura de obra literária
- Gráfico 8 – Contexto de leitura preferido dos alunos para leitura de nova obra literária
- Gráfico 9 – Atividades de leitura promovem a literacia nos alunos
- Gráfico 10 – Organização do ambiente educativo
- Gráfico 11 – Preferências de organização do ambiente educativo
- Gráfico 12 – Preferências de aprendizagem dos alunos em sala de aula

Introdução

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) que compõe este Mestrado em Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico (1º CEB) e Português e História e Geografia(HGP) do 2º Ciclo de Ensino Básico (2º CEB).

Como finalidades deste relatório destacam-se as descrições das vivências mais significativas da minha intervenção educativa, através do recurso a pesquisas bibliográficas e tendo em conta o suporte que a licenciatura e as unidades curriculares deste mestrado trouxeram para a realização do mesmo, de forma a articular a teoria à prática de modo sustentado, visando proporcionar uma educação de qualidade nos respetivos contextos de estágio. Tal como refere Oliveira-Formosinho (2007) “preconiza-se a instituição de um quotidiano educativo que conceitualiza a criança como uma pessoa com agência, não à espera de ser pessoa, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade” (p. 27).

No decorrer dos estágios realizei várias reflexões que auxiliaram na elaboração deste relatório, dado que constituem evidências que permitem registar o percurso de aprendizagem e avaliar o processo de construção da profissionalização. O estágio é uma fase de experiência, reflexão e reformulação, de forma a construir saberes necessários ao exercício profissional. Nesta fase da formação inicial de professores é possível ter uma apreensão holística da realidade educativa, das dificuldades diárias e dos princípios e regras que envolvem a profissão. O facto de possuir mestrado em Educação Pré-Escolar e de trabalhar com crianças, também me permitiu integrar e observar mais detalhadamente cada um dos contextos. A realização destes estágios permitiu-me conhecer quatro contextos educativos todos, eles realizados em instituições de ensino públicas, com realidades muito distintas, quer em termos de ambiente educativo, quer na sua forma de organização, os quais constituíram um conjunto de experiências de ensino/aprendizagem que contribuíram para o meu desenvolvimento profissional.

Tendo em conta que o relatório deve proporcionar uma visão alargada das diferentes componentes do trabalho pedagógico desenvolvido pelo estagiário durante a sua prática, o corpo estrutural deste divide-se em duas partes. A primeira parte é consagrada à contextualização da prática profissional contendo, a caracterização dos estágios realizados no 1º e 2º ciclos, dando conta do percurso de desenvolvimento profissional ao longo dos mesmos. A segunda parte deste relatório faz referência ao estudo desenvolvido referente à

organização do ambiente educativo na promoção da leitura, sendo esta uma questão que emergiu da minha prática educativa. Neste ponto enunciam-se a questão de partida e os objetivos a atingir, caracterizam-se os sujeitos do estudo, justificam-se as técnicas de investigação utilizadas bem como os procedimentos de realização do estudo. Consta o enquadramento teórico que serviu de suporte para a minha investigação, seguindo-se a apresentação e análise dos dados e as implicações do estudo para a minha prática profissional. O presente trabalho culmina com uma reflexão final sobre todo o percurso desenvolvido ao longo deste mestrado e a bibliografia que serviu de suporte a este relatório.

Parte I – O Estágio

1. Prática de Ensino Supervisionada em 1º Ciclo de Ensino Básico

1.1. PES I em 1º Ciclo de Ensino Básico - 2º ano

1.1.1. Caracterização do Contexto Educativo

A primeira Prática de Ensino Supervisionada no primeiro ano do Mestrado de habilitação para a docência foi realizada no decorrer do primeiro semestre, numa escola de primeiro ciclo pertencente a um dos agrupamentos de escolas da cidade, sendo uma escola da rede pública do Ministério da Educação.

A escola localizava-se no centro da cidade, numa zona habitacional com características específicas abrangendo uma população de grande diversidade cultural, sócio económica e religiosa, sendo um polo de inserção de grupos de etnia cigana e de estrangeiros e casais jovens de qualificações e literacia maioritariamente baixas. Esta zona, apesar de ser habitacional, dada a proximidade do centro histórico contempla as ofertas culturais existentes na cidade, as quais, a população poderá usufruir pois consegue deslocar-se facilmente a pé.

A escola encontra-se aberta de segunda-feira a sexta-feira entre 8:30 e as 17:30. Poucas são as crianças que não permanecem na instituição até a esta hora. Um grupo pequeno de crianças abandona a instituição após o término das aulas letivas às 15:30. Após esta hora as crianças têm as atividades de enriquecimento curricular, no âmbito da componente de apoio à família. A instituição tem neste momento uma sala de Jardim de Infância e quatro salas de 1º ciclo. A lotação das salas quanto ao número de crianças é cumprida de acordo com a legislação em vigor.

Realizei a minha prática de ensino supervisionada numa turma de 2.º ano, constituída por 21 alunos, sendo 6 do género feminino e 15 do género masculino, com idades compreendidas entre os sete e os nove anos. Na turma existiam quatro alunos que estavam a desenvolver conteúdos do 1.º ano, e outros quatro que tinham apoio individualizado na disciplina de português e beneficiavam de uma professora específica para os acompanhar no ninho. Importa salientar que estamos a falar de uma turma com muita diversidade cultural, uma vez que dois meninos eram ucranianos, dois eram brasileiros, um inglês, outro francês, e uma menina russa.

Os alunos, no geral, apresentavam dificuldades na leitura e na escrita. Na matemática apresentavam dificuldades nos vários tipos de cálculo. Em estudo do meio, os alunos acompanhavam a matéria, num modo geral. Distraíam-se e desmotivavam-se facilmente, sendo necessário estimulá-los a participar nas atividades e era importante dar-lhes um reforço positivo, para elevar a sua autoconfiança. Para além do acompanhamento individualizado dado pela Professora Titular, certos alunos beneficiavam do acompanhamento da Professora de Ensino Especial duas vezes por semana e da Terapeuta da Fala uma vez por semana.

Após apresentação do grupo a professora cooperante mencionou que as crianças da turma eram muito desinteressadas, pouco participativas, barulhentas, com pouca autonomia de trabalho, por isso, necessitavam de estar em mesas individuais para conseguirem realizar as aprendizagens minimamente pretendidas e trabalharem, caso contrário não o fariam. A professora cooperante acompanha a turma desde o primeiro ano, integrando este ano duas crianças repetentes e uma nova criança que entrou no 2º período devido a uma mudança de residência.

O Projeto Curricular de Turma é para o professor um documento estratégico de no processo de diferenciação pedagógica, sendo elaborado pelo professor titular da turma de acordo com as características inerentes à mesma. Solicitámos à docente o projeto curricular de turma, mas quando terminámos o nosso estágio a professora não tinha o projeto para nos entregar, no entanto mencionou que o projeto iria incidir sobre o “saber estar, saber ser” relacionado também com a cidadania, e que era também o pretendido no agrupamento.

1.1.2. Prática Pedagógica

No decorrer do estágio procurei estar sensível e atenta a todo o contexto educativo onde estive inserida, sendo para mim de extrema importância a relação com as crianças, bem como com as restantes pessoas que fazem parte da instituição, pois a relação que consegui estabelecer com elas é também uma forma de me sentir bem comigo própria. Colaborei sempre com o que a professora cooperante nos solicitou, nomeadamente nas saídas efetuadas no exterior, bem como na organização da festa de Natal com todas as crianças que integram a escola.

A minha relação com as crianças foi evoluindo naturalmente e foi construída com base na confiança, disponibilidade e carinho que procurei ter sempre para com todas as crianças

da turma. As crianças corresponderam, tendo-o demonstrado nas mais diversas situações: nos momentos de chegada à escola, nos intervalos e também no decorrer das atividades letivas, nomeadamente as que tinham caráter mais lúdico, como as expressões e em algumas aulas que fossem lecionadas de forma a explorar materiais com os quais não tinham muito contacto. Procurei que todos esses momentos fossem de aprendizagem e de interação da turma tentando que as crianças se envolvessem e se sentissem motivadas para realizar as aprendizagens propostas de forma autónoma. De acordo com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória o professor “deve valorizar, na avaliação das aprendizagens do aluno, o trabalho de livre iniciativa, incentivando a intervenção positiva...” (p. 31).

O meu projeto teve como tema: “Gestão e organização da sala de aula como contribuição no processo de aprendizagem”.

Teve como principais objetivos:

- Promover atividades em espaços diferentes,
- Realizar atividades diversificadas que promovam aprendizagens,
- Interdisciplinaridade.

Este tema surgiu após a primeira semana de observação do estágio, na qual, após conversa com a professora titular percebi que a mesma mantinha os alunos sempre da mesma forma na sala, sentados em mesas, individualmente, de forma a não haver qualquer interação entre pares, pois segundo a professora titular, os alunos mostravam ter dificuldade de concentração e arranjavam um motivo para se distraírem se estivessem em mesas partilhadas. Para solucionar esta distração, as estratégias utilizadas foram dialogar sobre a distração, valorizar a atividade que estava a ser desenvolvida e retirar os objetos que promoviam essa distração, sendo evidente a sua pertinência.

No decorrer do estágio, procurei sempre, no desenvolvimento da minha prática, articular com as planificações da professora cooperante e realizar atividades diversificadas que promovessem a interdisciplinaridade e a partilha entre pares. Com esse objetivo e também de forma a desenvolver o meu projeto, evidencio uma das atividades que organizei que foi a leitura da história “O Bosque das Figuras Planas” de Andreia Hall, solicitando à professora cooperante autorização para realizar a sua leitura numa sala diferente, e que foi concedida. Assim, de forma a sustentar o tema do meu projeto, relato abaixo algumas evidências do trabalho realizado para o mesmo.

Para dar início à aula, levei as crianças para uma sala que não estava a ser utilizada e solicitei que as mesmas se sentassem no chão para ouvirem a história, tal como ilustra a imagem abaixo.



Figura1 – Leitura da história “o bosque das figuras planas”

Após a leitura da história regressámos à sala, onde trabalhámos na matemática, as figuras planas presentes na história, as quais posteriormente foram realizadas com palhinhas, conforme imagem abaixo.



Figura 2 – Construção de figuras com palhinhas

Na disciplina de português realizámos uma ficha de leitura sobre a história, em que, as crianças conseguiram lembrar-se dos diversos acontecimentos da mesma para a sua resolução. Para terminar, explorámos, nas expressões, técnicas de recorte e colagem onde produzimos as árvores existentes na história, abaixo representadas na imagem.



Figura 3 – Elaboração das árvores presentes na história

Tal como afirmam (Teixeira & Reis, 2012), “A forma como o mobiliário está disposto pode ter influência no tempo de aprendizagem escolar e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.” Pelo que considero, que o facto de ter levado os alunos a ouvir a leitura do texto em outro ambiente preparado para o efeito contribuiu efetivamente para que os alunos prestassem mais atenção ao mesmo, em que, após o regresso à sala de aula, nas questões de interpretação acerca do texto, não houvesse dúvidas dada a atenção dos alunos aquando da sua leitura. Ao refletir sobre as atividades realizadas e as aprendizagens conseguidas pelas crianças, e o empenho demonstrado na execução de todas as tarefas propostas, considero que a organização do ambiente educativo contribui efetivamente para a aprendizagem das crianças, pois se conseguirmos mobilizar os interesses das mesmas para a nossa prática educativa, conseguiremos que estas consigam atingir os objetivos a que nos propomos aquando da nossa planificação.

1.1.3. Considerações Referentes ao Estágio

A interação com as crianças no estágio foi o ponto mais relevante para conduzir as mesmas no seu processo de aprendizagem, pois ao estar próximo das mesmas, ao escutar as suas dúvidas e conquistas realizadas no decorrer do mesmo, fez-me também reforçar a ideia que o professor deve organizar a sala de aula de forma a que haja interação entre pares, tornando, assim, a aprendizagem mais dinâmica e apelativa para os seus alunos. “a ênfase dada ao espaço físico, isto é, à dimensão física do espaço da sala de aula, não pode dissociar-se da importância do ambiente de aprendizagem na sua totalidade – dimensão relacional, temporal, didática – pois o ambiente envolve inúmeros elementos que se revelam como sendo conteúdos de aprendizagem.” (Teixeira & Reis, 2012).

No entanto, apesar de ter conseguido algumas conquistas também senti algumas dificuldades nomeadamente, na organização da sala, uma vez que estava um pouco condicionada nesse sentido, não tendo realizado as atividades em grupo que pretendia realizar, e também dadas as dificuldades de ortografia que as crianças possuíam. Recordo a imensa dificuldade que senti em realizar um ditado em que as crianças questionavam sobre como se escreviam as palavras, o que me fez refletir, que apesar de ter lido o texto em conjunto com eles este deveria ter sido mais trabalhado para que essas dificuldades não tivessem sido tão sentidas por parte dos alunos.

Considero, por fim, que tento em conta as restrições no que se refere às dificuldades em conseguir realizar atividades em grupo, no decorrer do estágio as atividades propostas de forma diversificada, refletem o resultado das aprendizagens dos alunos, os quais evidenciaram conhecimento nos conteúdos trabalhados. Pretendo continuar a trabalhar este tema, o qual me alicia, de forma a melhor sustentar o mesmo.

1.2. PES II em 1º Ciclo de Ensino Básico - 4º ano

1.2.1. Caracterização do Contexto Educativo

A segunda Prática de Ensino Supervisionada do primeiro ano de mestrado foi desenvolvida numa escola de 1º ciclo na cidade de Santarém situada numa zona habitacional com características específicas abrangendo uma população de grande diversidade cultural. Apesar de não se situar no centro da cidade é uma escola muito ativa e dinâmica, procurando estar envolvida em projetos educativos propostos pela Câmara colaborando com instituições e privilegiando aos seus alunos, sempre que possível visitas de caráter cultural, contando com a colaboração da associação de pais, a qual é muito ativa e participativa, em prol do bom funcionamento da mesma.

A escola encontrava-se aberta de segunda-feira a sexta-feira entre 8:30 e as 18:00. As aulas tinham início às 9:00 e terminavam às 15:30 e dois dias às 17:00, apenas para as turmas de 3º e 4º ano, pois integram na componente letiva o inglês, o que faz estender o horário das mesmas nesses dias. Após as 15:30 as crianças frequentavam as atividades de enriquecimento curricular, no âmbito da componente de apoio à família. Algumas das crianças permaneciam na escola e realizavam as atividades extracurriculares, outras que frequentavam o ATL e iam nas carrinhas pertencentes ao mesmo após o término das aulas.

A instituição detinha seis salas de 1º ciclo. Para a realização da minha prática pedagógica foi-me atribuída uma turma de 4.º ano, constituída por 19 alunos, sendo 8 do género feminino e 11 do género masculino. Era uma turma sem diversidades culturais, com apenas uma menina ucraniana. Os alunos no geral não apresentavam dificuldades, sendo crianças ativas e motivadas para a aprendizagem. A turma beneficiava de redução pois nela integrava um aluno com dislexia, no entanto em termos de aproveitamento era bom, pois conseguia superar as suas dificuldades. Um dos alunos também beneficiava do acompanhamento da Terapeuta da Fala uma vez por semana. Os alunos que possuíam mais dificuldades a matemática, eram acompanhados por um professor diferente na oficina de estudo, um professor do “ninho de matemática”, e uma professora acompanhava um menino no português. Foi-se estabelecendo uma agradável ligação com os alunos, porque através do diálogo, e do trabalho desenvolvido, foi possível conhecer cada um deles. Na opinião de Muller (2002), *“a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. (...) Essa relação deve ser baseada na*

confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno (...) não deixando a sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado” (p. 276). Daí, considerar que inicialmente devemos procurar conhecer as características dos alunos com os quais se está todos dias, de modo a poder proporcionar-lhes aprendizagens, bem como o gosto pela escola, para que todo o processo de ensino-aprendizagem decorra com tranquilidade.

1.2.2. Prática Pedagógica

Ao planificar a minha intervenção pedagógica pensei sempre nos objetivos a que me propus, tendo em conta os conteúdos a serem trabalhados, que estratégia vou utilizar para os concretizar, qual será a atividade mais adequada para a sua realização e como vou avaliar a sua concretização.

No entanto, outro aspeto que considero de extrema importância para planear a ação, é para quem a vamos conceber. Pois ao pensar nas estratégias, atividades a desenvolver, no processo de condução das mesmas, esteve sempre presente o grupo de alunos que constituem a turma, pois as características dos mesmos refletem as minhas planificações.

No decorrer da prática de ensino supervisionada à medida que fui conhecendo a turma, arrisquei planificar atividades em grupo de caráter experimental, no exterior, e que envolvessem a família, pois todos os alunos assumem uma postura de motivação, entusiasmo pela aprendizagem e têm um comportamento adequado para a sua realização. O facto de os encarregados de educação se envolverem na vida escolar dos seus educandos também foi outro fator que influenciou a minha planificação, ou seja todo o contexto educativo permitiu também a sua concretização, pois noutra contexto provavelmente não seria possível de as realizar.

Considero que evolui na minha capacidade de planificar, pois procurei nas minhas planificações à medida que fui conhecendo a turma, mobilizar e planificar o trabalho a desenvolver com a mesma de acordo com as suas características. Não estive apenas focada em trabalhar os conteúdos previstos, mas sim em lecioná-los de forma a que os alunos os conseguissem adquirir, adequando-os às suas características.

A maioria das atividades que foram desenvolvidas no decorrer do estágio pretenderam sempre estimular e desenvolver o trabalho colaborativo em grupo e entre pares no sentido de fomentar a partilha e o respeito pelo outro. Foram sentidas algumas dificuldades na sua

implementação, pois considero que o facto de os alunos não estarem habituados a trabalhar em grupo demora o seu processo de organização, até começarem realmente a executar o trabalho.

Para perceber de que modo a turma tinha melhor desempenho, elaborei uma grelha de observação do trabalho em grupo, para conseguir avaliar a evolução dos alunos no que se refere ao trabalho colaborativo no decorrer do estágio e organizei grupos heterogéneos, normalmente de cinco e quatro elementos, dei liberdade à turma para formar os seus próprios grupos e realizei também trabalho a pares e de caráter individual de pesquisa e interpretação, para posteriormente ser trabalhado em grupo. Araújo (2012) refere que trabalhar de forma colaborativa permite ensinar mais e melhor. No entanto, alerta para o facto de não ser possível trabalhar sempre de forma colaborativa, as próprias tarefas de trabalhos colaborativos devem incluir momentos de trabalho individual para preparar ou aprofundar o trabalho em coletivo no momento seguinte.

Do mesmo modo, Araújo (2012) afirma que “as relações de trabalho baseadas na colaboração têm ainda de ser espontâneas e voluntárias; os envolvidos têm de sentir vontade e interesse pela partilha e, ao mesmo tempo, devem estar empenhados na mudança” (2012, p.18). Os alunos da turma, manifestaram empenho e entusiasmo no trabalho colaborativo, uma vez que este não era prática da docente cooperante, e o facto de organizar a turma em grupos suscitou grande motivação pela concretização das tarefas propostas a cada grupo.

A apreciação que faço do trabalho realizado no sentido de promover o trabalho colaborativo em grupos e entre pares, foi positiva na sua concretização global, no entanto considero que este requer um trabalho contínuo para o sucesso da sua implementação. Necessita de tempo para todos os alunos colaborarem ativamente no trabalho de grupo, respeitando e dando espaço aos colegas para estes fundamentarem as suas opiniões e posteriormente aceitarem as mesmas chegando todo o grupo a um consenso para a sua concretização.

Considero que para alcançar os objetivos curriculares definidos consegui realizar atividades diversificadas e que se adequassem a todos os alunos da turma, indo ao encontro dos seus interesses e motivações e também de forma a superar as suas dificuldades, no que se refere ao trabalho colaborativo, pois a realização do trabalho em grupos implicou o relacionamento dos alunos na concretização das atividades propostas, de forma a que conseguissem superar os seus conflitos e chegassem a um consenso na produção do trabalho final.

Superei as dificuldades no que se refere às atividades e estratégias utilizadas para a sua concretização, bem como na resolução dos conflitos existentes nomeadamente no trabalho em grupo, à medida que fui conhecendo a turma.

A atividade planificada para comemorar o Dia Internacional da Família, para além de trabalhar a interdisciplinaridade, o trabalho colaborativo e reforçou a importância que a mesma tem no contexto escolar. Não houve constrangimentos na realização da atividade, pois todos os alunos contaram com a presença de familiares, em que todos participaram e se envolveram na realização da mesma. Pereira (2008) refere que “não é demais salientar que um dos fatores mais importantes no desempenho escolar das crianças e dos jovens prende-se com o envolvimento dos pais.” (p.73). A realização desta atividade realçou a importância da união entre a escola e a família em que interação entre ambas contribui para a formação de cidadãos ativos e capazes de agir na sociedade dos nossos dias. Foi uma atividade que também me permitiu avaliar a minha capacidade de interação entre todos os elementos presentes.



Figura 4 – Atividade “Dia da Família



Figura 5 – Representação da família dos alunos presentes

Outra das atividades que considero ter conseguido mobilizar várias aprendizagens aos alunos, foi a visita à padaria do E.Leclerc, que planifiquei relacionada com o texto de português

“Ciclo do Pão”. Considero que esta atividade proporcionou aprendizagens ao nível da aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes, sendo transversal a várias áreas do saber. Os alunos tiveram oportunidade de adquirir conhecimentos relativos à confeção do pão, e também revelaram ter uma atitude cordial e de respeito para com todos elementos da padaria que nos acompanharam na atividade e na sua realização. Foi também evidenciada a sua capacidade de escuta, concentração e de interação com os colegas, bem como a sua capacidade de execução do trabalho solicitado pelos elementos da padaria relacionado com a confeção do pão.



Figura 6 – Visita à Padaria do E.Leclerc

Avalio de forma positiva estas duas atividades, as quais considero terem mais reflexo na minha planificação e no que pretendo futuramente trabalhar com os alunos, pois permitiu-me o contacto com a família e com a comunidade envolvente, os quais considero como fatores fundamentais de atuação no trabalho com a comunidade educativa, envolver a família e a comunidade na escola. Permitiu-me reforçar a importância de planificar com intencionalidade a nossa ação educativa, pois só assim conseguimos realizar aprendizagens nos alunos, avaliar também a nossa prática, e adequar a mesma a cada contexto onde estamos inseridas de forma a contribuir para o seu sucesso escolar dos alunos que nele integram.

Para melhor conseguir avaliar as aprendizagens das crianças face aos objetivos pretendidos elaborei uma grelha de observação de acordo com os objetivos pretendidos que me permitiu avaliar os alunos através dos parâmetros que estabeleci de forma a conseguir identificar também a evolução dos mesmos no decorrer da minha intervenção.

1.2.3. Considerações Referentes ao Estágio

Este estágio permitiu-me concretizar aprendizagens de diversos níveis, quer na interação com os alunos, com os intervenientes da comunidade escolar, com alguns familiares e também com a comunidade envolvente.

Considero que para alcançar os objetivos curriculares definidos consegui realizar atividades diversificadas e que se adequassem a todos os alunos da turma, indo ao encontro aos seus interesses e motivações e também de forma a superar as suas dificuldades, no que se refere ao trabalho colaborativo, pois a realização do trabalho em grupos implicou o relacionamento dos alunos na concretização das atividades propostas, de forma a que conseguissem superar os seus conflitos e chegassem a um consenso na produção do trabalho final.

Considero que evoluí na minha capacidade de planificar, pois procurei na minha planificação à medida que fui conhecendo a turma, mobilizar e planificar o trabalho a desenvolver com a mesma de acordo com as suas características. Não estive apenas focada em trabalhar os conteúdos previstos, mas sim em lecioná-los de forma a que os alunos os conseguissem adquirir, adequando-os às suas características.

2. PES em 2º Ciclo de Ensino Básico

2.1. PES I em 2º Ciclo de Ensino Básico - 5º e 6º ano

2.1.1 Caracterização do Contexto Educativo

A primeira Prática de Ensino Supervisionada no segundo ano do Mestrado de habilitação para a docência foi realizada numa Escola Básica de 2º e 3º ciclo e Secundário. É uma escola da rede pública do Ministério da Educação, localizada numa vila próxima de Santarém, inserida num contexto rural cuja a atividade é predominantemente agrícola. A escola é a sede do agrupamento que integra o 2º, 3º ciclo e Secundário, bem como as valências de pré-escolar e 1º ciclo, dentro do espaço da escola sede e outras localizadas na zona abrangente da vila. Tem na sede, uma sala própria para educação especial, comumente chamada d'entre a classe docente de "unidade". A escola é composta por vários edifícios, mas só se torna relevante destacar os três blocos, onde decorrem as aulas, a biblioteca, o ginásio, o pátio e o parque de bicicletas.

A escola encontra-se aberta de segunda-feira a sexta-feira entre as 8:00 e até às 19:00. As aulas têm início às 08:20 e terminam entre as 15:30 e as 18:30, dependendo do ano letivo de cada aluno, e do dia em questão. As crianças, que eu e a minha colega de estágio acompanhámos, tinham um horário distinto de duas em duas semanas, mas o nosso mantinha-se o mesmo, visto que o que diferenciava eram as atividades de expressão plástica, educação artística e educação física.

Como a escola integra o projeto Inovar na disciplina de português, as quatro turmas de 6º ano da escola foram divididas em quatro grupos, e aos quatro docentes do agrupamento que lecionam a disciplina de português no 2º ciclo, foram distribuídos domínios para lecionar a cada grupo. O nosso professor cooperante tem o domínio da Oralidade para lecionar nas suas aulas. O domínio da Educação Literária é realizado em articulação com a biblioteca da escola, sendo atribuído no horário uma hora letiva por semana para lecionar a disciplina de PortBib, à mesma hora a todos os grupos e professores da disciplina, em que cada grupo nesse dia, acompanhado pelo professor de português, ou pelo professor de português e professora bibliotecária, na sala ou na biblioteca, respetivamente, é lecionado o domínio de Educação Literária. Na disciplina de português os grupos eram interessados, na sua maioria revelavam um bom comportamento e também estavam motivados para a aprendizagem.

No que se refere à disciplina de HGP apenas lecionei à turma de 6º ano que a professora cooperante detinha no seu horário. A turma era constituída por dois alunos com necessidades educativas especiais, sendo que um deles era sempre acompanhado pela docente do ensino especial, pois estava sempre na unidade de ensino especial e quando frequentava as aulas era sempre apenas o primeiro tempo, em que no 2º tempo letivo a professora de ensino especial realizava trabalho individual com o mesmo. O outro aluno acompanhava normalmente as aulas.

2.1.2. Prática Pedagógica

Neste contexto de estágio foi difícil conceber as planificações tal como gostaria de ter executado. Ambos os professores cooperantes, quer na disciplina de HGP como de Português solicitaram que realizássemos as planificações executadas pelo grupo disciplinar e utilizássemos o manual, tal como era hábito, bem como a plataforma digital de acesso ao mesmo.

Nas aulas de português procurei sempre ir ao encontro do que era pedido pelo professor para trabalhar, mas procurando acrescentar algo de novo aos alunos. Procurei realizar um trabalho de grupo, pois sei que não é prática educativa utilizada nas aulas, mas ao realizar o mesmo os alunos, eles não conseguiram concretizá-lo no tempo que tinha previsto. Não teria sido relevante o facto de não o terem realizado conforme planeei, pois, as planificações, tal como o nome indica é um plano de trabalho que se pretende desenvolver, que nem sempre é conseguido, no entanto gostaria de ter conseguido observar o resultado final o qual não foi possível.

Também consegui observar e participar na dinâmica da biblioteca escolar nas aulas de Portbib realizadas em articulação com a professora bibliotecária e o professor de português, em que rotativamente cada turma ia à biblioteca desenvolver trabalho no âmbito da educação literária, as quais considero serem uma mais valia pois articulam e mobilizam várias aprendizagens aos alunos, as quais consegui integrar no meu percurso investigativo.

Consegui maior flexibilidade nas aulas de HGP, em que planifiquei de acordo com os que foi solicitado pela professora cooperante, mas houve sempre abertura para executar as mesmas de acordo com o que pretendi. Realizei um trabalho de pesquisa em grupo na biblioteca, que terminámos posteriormente na aula seguinte, já na sala de aula. Os trabalhos

realizados em grupo ficaram muito bem concretizados, tendo sido notório o empenho da maioria dos alunos de todos os grupos na sua concretização.

Elaborei uma minificha de avaliação solicitada pela docente, a qual, em termos de aproveitamento foi muito positiva, apenas um elemento da turma teve nota inferior a 50%. Foi importante a sua aplicação, para conseguir compreender de que forma os alunos retiveram os conteúdos lecionados por mim, uma vez que a mesma era da unidade curricular que eu tinha lecionado.

Pretendi que a maioria das atividades que foram desenvolvidas no decorrer do estágio fossem também com intuito de estimular e desenvolver o trabalho colaborativo em grupo e entre pares no sentido de fomentar a partilha e o respeito pelo outro. Senti algumas dificuldades na sua implementação, pois considero que o facto de os alunos não estarem habituados a trabalhar em grupo demora o seu processo de organização, até começarem realmente a executar o trabalho.

De forma a compreender o desempenho das diferentes turmas, organizei novamente grupos heterogéneos, normalmente de cinco e quatro elementos e elaborei uma grelha de observação do trabalho em grupo, para conseguir avaliar a evolução dos alunos no que se refere ao trabalho colaborativo e organização da sala de aula. Araújo (2012) alude que trabalhar de forma colaborativa permite ensinar mais e melhor, sendo que pude constatar, na PES realizada no estágio anterior, que foi positivo o envolvimento dos alunos no trabalho colaborativo realizado no decorrer da mesma.

A apreciação que faço do trabalho realizado no sentido de promover o trabalho colaborativo em grupos e entre pares, foi positiva na sua concretização global e muito apreciada pelos alunos principalmente na turma da disciplina de HGP, a qual tive uma maior interação, no entanto considero que este requer um trabalho contínuo para o sucesso da sua implementação. Nas aulas de português, nas quais procurei trabalhar em grupo, verifiquei que os alunos não se entendiam em relação às respostas e trabalho a desenvolver, atrasando assim a sua execução, pelo que é necessário tempo para todos os alunos colaborarem ativamente no trabalho de grupo, respeitando e dando espaço aos colegas para estes fundamentarem as suas opiniões e posteriormente aceitarem as mesmas chegando todo o grupo a um consenso para a sua concretização.

Na disciplina de Português, tendo em conta os exercícios realizados, considerei não serem suficientes para conseguir avaliar as aprendizagens dos alunos face aos objetivos pretendidos, elaborei uma grelha de observação, de acordo com os objetivos definidos que

me permitiu avaliar os alunos através dos parâmetros que estabeleci de forma a conseguir identificar também a evolução dos mesmos no decorrer da minha intervenção.

Analisar e refletir sobre as estratégias e métodos utilizados na minha ação educativa foi fundamental para perceber o que correu bem e menos bem durante a realização das tarefas propostas. Assim, procurei no decorrer do estágio autocorrigir-me e adequar a minha prática a todos os alunos das diferentes turmas de acordo com as dificuldades que foram surgindo. A avaliação reflete as aprendizagens dos alunos, mas também é através das aprendizagens realizadas pelos mesmos que eu enquanto estagiária e futura professora neste grupo disciplinar consigo avaliar a minha ação educativa. No entanto, avaliar é uma tarefa complexa que no meu ponto de vista, para além dos objetivos e aprendizagens efetivadas, também deve ser realizada em outras competências transversais no que se refere ao nível do domínio das relações sócio afetivas, capacidade de resolução de problemas, entre outras, as quais se encontram, contempladas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Apesar de ter a oportunidade de observar e avaliar o comportamento da turma durante mais tempo que o previsto, aquando da intervenção dos professores, não tem a mesma relevância quando a intervenção é realizada por nós, pois os alunos têm um comportamento diferente perante nós, estagiárias e perante as atividades que desenvolvemos principalmente quando são atividades que não são realizadas com regularidade. Considero que o tempo que tive para realizar a avaliação tendo em conta a minha intervenção, condicionou e influenciou a minha avaliação em relação aos mesmos.

2.1.3. Considerações Referentes ao Estágio

Neste estágio consegui identificar mais uma vez a importância e de que modo a organização do espaço educativo interfere e contribui para a aprendizagem, comportamento e colaboração dos alunos na realização dos trabalhos propostos, bem como a sua influência na promoção da leitura, sendo este o tema da investigação que estou a realizar.

Em todas as turmas que lecionei, as salas estavam dispostas com as mesas em forma de autocarro, não promovendo, dessa forma, o trabalho colaborativo, apenas existindo entre pares, dado, não ser prática comum dos professores, a sua realização. No decorrer da minha intervenção procurei em conjunto com o meu par de estágio nas aulas de português e com a ajuda da professora cooperante nas aulas de HGP, realizar atividades de caráter mais

colaborativo em grupo e em pares, visto ser o tema que pretendo trabalhar na minha investigação.

Verifiquei que nas atividades que realizei em grupos e a pares foram realizadas aprendizagens mais significativas, o que não aconteceria se fossem realizadas individualmente, pois a interação que estas permitem e a partilha de ideias e conclusões a que chegaram os alunos foi muito mais enriquecedora. A forma como organizei a sala em grupos de, 4 ou 5 alunos, permitiu-me acompanhar o trabalho de todos os grupos, tendo na aula de HGP o trabalho de grupo sido desenvolvido em dois momentos, o primeiro na biblioteca, o qual tive a oportunidade de observar os alunos e acompanhar os mesmos na realização da sua pesquisa e outro na sala de aula no qual organizaram a pesquisa que realizaram e terminar o trabalho. Considero que os objetivos propostos foram concretizados na realização dos mesmos.

Arends (2008, p 358) considera que a disposição em pequenos grupos, com quatro e seis elementos cada um é vantajosa para “a aprendizagem cooperativa e para outras tarefas em pequenos grupos.” Com efeito, as mesas dispostas em pequenos grupos favorecem o diálogo e a interação entre as crianças do mesmo grupo. Também facilita o acesso do professor às próprias mesas de forma individualizada.

No que se refere à promoção da leitura, esta apenas foi realizada através das aulas de Educação Literária as quais como já referi anteriormente, eram lecionadas em articulação com a biblioteca da escola com a intervenção da professora bibliotecária. Todas as semanas um dos grupos ia à biblioteca acompanhados pelo professor de português com quem tinham o primeiro bloco de cinquenta minutos, os outros ficavam nas respetivas salas e trabalhar a obra.

A primeira aula de Educação Literária que pude observar no decorrer do estágio foi realizada em contexto de sala de aula, em que o professor solicitava aos alunos para irem lendo os diversos parágrafos da obra, em que todos leram um parágrafo da mesma e foram sendo realizados comentários sobre o que ia sendo lido. Observei que alguns dos alunos se distraíam ao ler a mesma, falando com o seu par de mesa, e não se envolviam na leitura da obra. Quando fui à biblioteca da escola requisitar a obra para também poder acompanhar a sua leitura em conjunto com os alunos, falei com a professora bibliotecária sobre o tema de investigação que estava a desenvolver para a minha tese. A professora considerou interessante o tema mencionou que se eu necessitasse que me ajudaria, pelo que ficou combinado que na aula que fosse realizada na biblioteca eu poderia colaborar com ela caso considerasse pertinente. Também já tinha feito requisição da biblioteca para a aula de HGP,

para realizar um trabalho de grupo de pesquisa em que pude novamente falar mais um pouco com a professora bibliotecária sobre as atividades desenvolvidas na biblioteca para os diferentes ciclos.

Na aula que foi realizada na biblioteca, a interação dos alunos foi totalmente diferente, na qual eu também consegui colaborar com a professora na organização do espaço da biblioteca para projetar a leitura do último parágrafo da obra e posterior realização de um Kaoot referente ao conteúdo da mesma. A professora bibliotecária tenta sempre que possível recorrer à utilização das tecnologias, uma vez que são cada vez mais utilizadas e acessíveis à maioria dos alunos, as quais poderão ser ótimas ferramentas de trabalho. Segundo Ponte (2002), as TIC estão cada vez mais presentes em todos os domínios da atividade social, tendo também contribuído para mudar a escola e o seu papel na sociedade. Os alunos motivaram-se pela leitura da obra projetada e foi notória a envolvimento e motivação dos alunos com a realização do Kahoot, a qual pude concluir que para além da motivação dos alunos na sua realização, as aprendizagens demonstradas na aplicação da posterior ficha de leitura foram também uma evidência da mais valia do uso das TIC.

Assim, tendo em conta que os alunos utilizam cada vez mais as tecnologias para diversão, se conseguirmos que através das mesmas consigam adquirir competências e aprendizagens através da sua utilização, estas serão entendidas pelos mesmos, como uma ferramenta de trabalho. Teresa Silveira (2009) refere que “o melhor caminho (...) passa pela fusão do saber da geração educadora com as aptidões e competências tecnológicas da geração educanda, iniciando-se, (...) uma nova relação entre educadores e educandos, já que saberes sem competências e competências sem saberes não fazem sentido e não preparam cidadãos para hoje, e logicamente o futuro estará comprometido.” (p.161).

Melão (2010) refere que “educar para a comunicação plasmada pela tecnologia ou comunicar para educar para a “tecnoliteracia” afiguram-se enquanto desafios actuais lançados ao educador do século XXI”. O mesmo autor refere ainda que ler na era digital implica, “o rever de práticas em contexto educativo, conducentes a uma colaboração mais activa com a comunidade envolvente e um crescente empenhamento e motivação por parte de todos os que partilham a responsabilidade de educar para a literacia”.

Também no que se refere ao uso das TIC na leitura, Ramos (2010), menciona que: “a sua utilização em sala de aula, no que diz respeito à promoção da leitura, pode ser vista numa perspectiva instrumental, isto é, como um suporte ao trabalho do professor, em termos de instrumento de referência e materiais que ajudem na planificação e aplicação dos mesmos.” (p.44). Neste sentido, e sendo necessário inculcar o gosto pela leitura aos nossos alunos, as

TIC na educação poderão vir a ser uma ferramenta de trabalho fundamental, pois valorizam a criatividade e a capacidade de os alunos relacionarem conhecimentos existentes com os que vão sendo construídos. Segundo Melão (2010), “o rever de práticas em contexto educativo, conducentes a uma colaboração mais activa com a comunidade envolvente e um crescente empenhamento e motivação por parte de todos os que partilham a responsabilidade de educar para a literacia.” (p.86).

Assim, considero que independentemente de a forma de organização do ano letivo ser por trimestre, semestre ou outro que se venha a realizar, o que importa é mudar as práticas educativas, dando um papel, mais ativo aos alunos, os quais, se sentirão certamente mais envolvidos na realização das tarefas propostas e conseqüentemente as aprendizagens mais efetivadas. As novas tecnologias têm um papel fundamental no trabalho a desenvolver com os mesmos, não devendo apenas ser utilizadas pelo professor para apoio do seu trabalho, mas sim também pelos alunos como instrumento de trabalho.

Neste estágio não consegui trabalhar nem recolher as evidências que pretendia para sustentar a importância da organização do espaço na promoção da leitura, no entanto considero ter recolhido alguns elementos que comprovam a importância da organização da sala no trabalho de grupo desenvolvido, bem como a importância das TIC na promoção da leitura. É claro que todo este processo tem como referência base o trabalho realizado pelo professor na elaboração, desenvolvimento e acompanhamento de todas estas atividades.

2.2. PES II em 2º Ciclo de Ensino Básico - 5º e 6º ano

2.2.1. Caracterização da Instituição

A segunda Prática de Ensino Supervisionada no segundo ano do Mestrado de habilitação para a docência foi realizada na mesma escola que a anterior pelo que a caracterização da instituição já se encontra realizada anteriormente.

2.2.2. Prática Pedagógica

Esta Prática de Ensino Supervisionada foi realizada durante a primeira pandemia de Covid 19, sendo que, a partir de 16 de março de 2020 todo o sistema de ensino teve que se reorganizar de forma a conseguir que os alunos continuassem a ter aulas até final do ano letivo. Assim, o agrupamento tomou como opção para aulas online a utilização da plataforma Zoom para as aulas síncronas e o Moodle para as aulas assíncronas. A minha professora cooperante, manteve-se a mesma do estágio anterior na disciplina de HGP tendo também sido cooperante na disciplina de Português. A Português, lecionava 5º e 6º ano e apenas 6º ano à disciplina de História e Geografia de Portugal (HGP).

No que se refere às turmas de Português de 5º e 6º ano, estas eram constituídas por cerca de 15 alunos cada, sendo que alguns dos alunos da turma de 6º eu já conhecida do estágio anterior. Na turma de 5º ano havia uma aluna que era acompanhada pela professora de ensino especial, não por ter alguma necessidade educativa especial, mas sim pelo facto de ser uma menina indiana, a qual nunca tinha tido contacto anterior com a língua portuguesa, e assim tinha uma ajuda complementar para a sua aprendizagem. Em relação à disciplina de HGP apenas lecionei ao 6º ano, turma A, que a professora cooperante tinha no seu horário habitual, com a qual já tinha realizado o meu estágio no semestre anterior. A turma era constituída por dois alunos com necessidades educativas especiais, sendo que um deles era sempre acompanhado pela docente do ensino especial, com quem, após as aulas, realizava trabalho individual. O outro aluno acompanhava normalmente as aulas.

Neste estágio foi condicionada a minha planificação no que se refere à concretização de novos materiais de trabalho para os alunos. Mais uma vez não consegui conceber as

planificações tal como gostaria de as ter executado, esta nova forma de ensino trouxe todas estas limitações, mas também nos concebeu aprendizagens na forma de como conseguir um ensino à distância para o qual não estávamos preparados. Apenas tínhamos trinta minutos de aula síncrona com os alunos para lecionar os conteúdos, realizar exercícios e esclarecer dúvidas, todo o restante trabalho assíncrono a realizar e desenvolver pelos alunos era colocado na plataforma Moodle e dado o parecer acerca da sua concretização nas aulas síncronas.

Recordo-me que numa das aulas do domínio da gramática, de 5º ano, referentes ao complemento direto e indireto os alunos não estavam a conseguir perceber a diferença entre eles. Na aula seguinte foi realizada novamente abordagem ao conteúdo anteriormente lecionado pelo que conseguir esclarecer as dúvidas que tinham, tendo a maioria dos alunos realizado corretamente os exercícios sobre o mesmo.

Nas aulas síncronas de Português e de HGP, quando lecionava novos conteúdos, posteriormente realizava exercícios sobre os mesmos, tentando que todos os alunos participassem na sua concretização de forma a perceber se estes os tinham compreendido. Posteriormente eram colocadas no Moodle algumas fichas para realização, acerca dos conteúdos lecionados nas aulas síncronas, ou então era dado para trabalho assíncrono as tarefas que estavam no manual.

Para a disciplina de Português, continuei a utilizar a grelha de observação que tinha construído no estágio anterior (anexo I), que me permitiu avaliar aos alunos no que se refere à leitura e oralidade, através dos parâmetros que estabeleci de forma a conseguir identificar também a evolução dos mesmos no decorrer da minha intervenção. Na educação Literária não a utilizei, pois no decorrer do estágio foi realizada uma aula síncrona de Educação Literária comum a todos os grupos de 6º ano, para finalizar a obra de Pedro Alecrim. Para o 5º ano também foi realizada uma aula de Educação Literária para visualizar um teatro acerca da obra “O príncipe nabo”. Os alunos visualizaram com agrado o teatro, no entanto não foi tão apreciada a leitura da obra de Pedro Alecrim.

Nas aulas de História e Geografia de Portugal foram lecionados os conteúdos através da visualização de vídeos presentes na escola virtual os quais eram ilustrativos dos acontecimentos históricos que estavam a ser lecionados referentes ao Estado Novo ao 25 de Abril. Estes para além de abordarem os conteúdos, são muito apreciados pelos alunos, os quais conseguem nos trinta minutos de aula síncrona compreender os mesmos visualmente e posteriormente proceder à análise dos documentos e leitura dos textos do manual, para posterior realização dos exercícios solicitados.

2.2.3. Considerações Referentes ao Estágio

Dada à situação de pandemia vivida, este estágio teve características muito peculiares a todos os níveis. Houve necessidade de um ajustamento e reorganização, para todo o trabalho educativo a desenvolver quer com os alunos, quer no trabalho colaborativo a realizar com os docentes. Nesse cenário atípico, com o qual nunca tínhamos contactado, houve toda uma estrutura a ser montada para a nova forma de aprendizagem exclusivamente online sem qualquer contacto presencial com os alunos, foi um aprendizado a todos os níveis para todos. A escola teve que se estruturar em tempo recorde, deixando de ser a escola à qual todos estávamos tão familiarizados, para ser uma escola realizada à distancia que nos foi imposta, de uma forma tão abrupta.

No entanto, considero que a minha adaptação correu bem, uma vez que beneficiei do facto de já conhecer o contexto educativo e sua forma de funcionamento anterior, apenas tive que me adaptar a este novo sistema de ensino e reorganizar estratégias didáticas para o contexto à distancia. Já conhecia a minha professora cooperante e sua forma de trabalhar, que me colocou à vontade para em conjunto com ela ir intervindo nas aulas logo desde o início. Já conhecia a maioria dos alunos do 6º ano, quer da turma de HGP, quer do grupo de português, o que facilitou a minha intervenção, apesar de ser ensino à distancia, quase todos eles já tinham estado comigo no estágio anterior. Apenas tive que conhecer e criar empatia com os alunos do 5º ano, com os quais consegui uma boa relação, tendo-me também eles surpreendido pela positiva, quer na forma como me acolheram neste novo tipo de ensino, quer pelo empenho que demonstraram nas aulas síncronas, estando sempre ativos nas mesmas, não se coibindo de participar e tirar as suas dúvidas, quando existiam. O facto de no estágio anterior ter ficado com a sensação de “inacabado”, este permitiu-me desde logo conseguir estar à vontade para realizar intervenções e participar no decorrer das aulas desde o início do mesmo.

Com a professora cooperante continuei a ter uma relação de empatia e respeito, a qual tinha estabelecido no semestre anterior, em que, no final de os alunos todos saírem da reunião zoom, quando restava tempo falávamos um pouco, sobre o decorrer das aulas e das dificuldades que iam surgindo, e a forma de as trabalhar para serem superadas. Com as professoras de Educação Especial, houve sempre uma atitude de cordialidade em que apenas por vezes trocávamos algumas impressões sobre o trabalho que era posteriormente realizado extra, aula síncrona.

As planificações foram sempre realizadas em conjunto com a professora cooperante, que em conjunto com o grupo disciplinar de Português e HGP planeavam os conteúdos a serem lecionados nas aulas síncronas semanalmente. A professora cooperante, após reunião de trabalho com os colegas da disciplina, comunicava-me os conteúdos que teriam que ser lecionados nas aulas e as páginas do manual a serem desenvolvidas, para que todas as turmas do agrupamento estivessem a estudar os mesmos conteúdos em simultâneo. Após realizar as planificações a professora cooperante dava-me feedback, acerca das mesmas e procurámos assim trabalhar em conjunto nesse sentido. A professora sempre me deixou estar à vontade para lecionar como pretendia as aulas síncronas, havendo alguma empatia na forma como foram conduzidas algumas das aulas, tendo sido notório o envolvimento dos alunos na sua realização.

No decorrer da minha intervenção procurei sempre que os trinta minutos de aula síncrona fossem ao encontro da planificação que tinha elaborado, mas também que os alunos conseguissem concretizar as aprendizagens dos conteúdos que tinha proposto para a mesma. Procurei sempre estar atenta às suas dificuldades e esclarecer as suas dúvidas.

Neste modelo de ensino online, a avaliação torna-se ainda mais difícil de concretizar. A avaliação reproduz a aprendizagem dos alunos, pelo que neste período, em ambas as disciplinas, o trabalho realizado no decorrer das aulas síncronas, o trabalho desenvolvido de forma autónoma pelos alunos nas aulas assíncronas, através da plataforma Moodle, e o empenho e motivação dos mesmos na sua concretização foram componentes essenciais para realizar a avaliação no decorrer deste semestre, apesar da realização de diversas minifichas de avaliação, vistas pelos alunos com carácter mais formal e com maior peso, os quais se empenharam na sua realização pelo facto de estas explanarem uma classificação. No entanto considero que o empenho e motivação demonstrados nas aulas síncronas e a forma como cada aluno mostra as evidências das suas aprendizagens nos trabalhos que realiza e intervenções que faz no decorrer das mesmas é o reflexo das suas aprendizagens, não sendo, na minha perspetiva, necessário haver um elemento com uma classificação quantitativa, para conseguir avaliar os conhecimentos adquiridos neste novo formato de ensino.

O ensino online nunca será o modelo ideal de método de ensino, houve alunos que entravam nas aulas síncronas de pijama, outros a tomar o pequeno almoço, os pais em casa com os seus filhos, na sua maioria a ouvir as aulas dadas pelos professores, estando atentos ao que está a ser lecionado nas aulas e a avisar os filhos para tomarem atenção, outros por vezes nem sequer dão importância ao facto de os alunos estarem a ter aulas e tem a televisão ligada, falam ao telefone, tendo a professora cooperante logo no início das aulas que solicitar aos alunos que estivessem sempre com o som desligado, ligando-o apenas no início da aula

e depois quando solicitado pelas professoras. Todos estes constrangimentos com os quais não nos deparávamos habitualmente, tivemos que os enfrentar, tentando o mais cordialmente possível contorná-los.

Mas a minha maior dificuldade não se prendeu com a planificação das aulas, nem com facto de estarem os pais, irmãos e animais de estimação que também apareciam nas câmaras, mas sim com o facto de não conseguir contactar com todos os alunos da mesma forma, dadas as condicionantes tecnológicas que estes tinham. Alguns alunos não tinham câmara, outros, não tinham som, e nem sempre conseguia no momento perceber se estavam em aula síncrona ou não e se estavam a compreender os conteúdos lecionados. O facto de posteriormente apresentarem os trabalhos assíncronos realizados de forma correta não significa que tenham sido entendidos, ou realizados pelos mesmos, essa foi uma das maiores dificuldades e que gerou incerteza na concretização das aprendizagens realizadas pelos alunos. Este novo contexto educativo apresenta sem dúvida muitas fragilidades em termos de aprendizagem efetiva por parte dos alunos, no qual fico com a sensação de incerteza na sua concretização.

Se por um lado alguns alunos não conseguem ter todas as condições reunidas em termos tecnológicos para as aulas online, por outro, este novo formato de ensino, ao início foi muito apreciado pelos alunos, dado ser uma nova realidade educativa com a qual nunca tinham contactado. Todo o trabalho que foi solicitado aos mesmos, quer síncrono, quer assíncrono, no início era bem conseguido e executado por todos os elementos das turmas. No entanto, o grupo do 6º ano de português começou por nem sempre realizar o trabalho assíncrono que era solicitado e na maioria das vezes a professora cooperante estendia a aula os dez minutos permitidos pelo zoom para uma maior concretização do trabalho a ser realizado em aula síncrona. Este grupo, apesar de ser participativo nas aulas, sempre foi um grupo pouco produtivo em termos de realização de trabalho autónomo, desde o início do ano letivo, o qual pude constatar durante a realização do anterior estágio. Pelo contrário o grupo de 5º ano era muito participativo e trabalhador, a maioria dos alunos estava sempre a oferecer-se para realizar as tarefas solicitadas. A turma de HGP também sempre se mostrou muito empenhada na concretização dos trabalhos propostos e motivada para a aprendizagem dos mesmos, havendo, claro, sempre alunos com as suas dificuldades e menos participativos nas aulas síncronas.

Tenho como aspeto positivo também o facto de me conseguir adaptar facilmente a este novo método de ensino, no qual considero ter conseguido estar à vontade com todos os alunos para lecionar as aulas neste novo formato. O facto de o nosso estágio coincidir praticamente com o início deste novo contexto educativo permitiu a realização em conjunto

de aprendizagens e novos métodos e formas de trabalhar, quer para nós professores, bem como para os alunos que com a sua natural aptidão tecnológica, se sentiram inicialmente muito motivados para a aprendizagem, tornando mais fácil a concretização de todo o processo de ensino aprendizagem realizado. Teresa Silveira (2009) refere que “o melhor caminho (...) passa pela fusão do saber da geração educadora com as aptidões e competências tecnológicas da geração educanda, iniciando-se (...) uma nova relação entre educadores e educandos, já que saberes sem competências e competências sem saberes não fazem sentido e não preparam cidadãos para hoje, e logicamente o futuro estará comprometido.” (p.161). Considero que neste estágio não foram descuradas as aprendizagens dos alunos, mas sim, aumentadas as estratégias de ensino quebrando barreiras para dar lugar à sua concretização.

2.3. Percurso Investigativo

No decorrer das quatro Práticas de Ensino Supervisionadas todo o meu percurso investigativo se prende com a organização e gestão da sala de aula na promoção de aprendizagens significativas para os alunos, dando relevância da organização da sala na promoção da leitura.

Segundo Teixeira e Reis (2012), a escola é o local onde os nossos alunos passam cada vez mais horas do seu dia, sendo por esta razão, importante tornar o espaço de aprendizagem um local confortável e propício ao desenvolvimento e construção das suas competências e conhecimentos. A gestão do espaço e a forma como está organizada a sala de aula interfere diretamente com a prática do docente e com o processo de aprendizagem dos alunos, sendo assim importante criar um ambiente propício e adequado (Richardson, 1997, citado por Teixeira e Reis, 2012).

Conseguí também identificar a importância e de que modo a organização do espaço educativo interfere e contribui para a aprendizagem, comportamento e colaboração dos alunos na realização dos trabalhos propostos. Formosinho (2011, p.11) salienta que “a sala de aula organiza-se em áreas diferenciadas de atividade que permitem diferentes aprendizagens plurais, isto é permitem à criança uma vivência plural da realidade e a construção da experiência dessa pluralidade.” Essas áreas podem ser organizadas e diferenciadas de modo a promover aprendizagens nas diversas áreas curriculares e tornarem

a aprendizagem mais estimulante para os alunos permitindo o reforço das relações interpessoais

No decorrer das PES que habilitam para a docência procurei encontrar evidências que apontem que a organização da sala de aula tem influência significativa nas aprendizagens dos alunos. Nos primeiros três estágios curriculares realizados, sempre encontrei as mesas em forma de autocarro, não existindo lugar ao trabalho colaborativo e não sendo estimulada a aprendizagem nesse sentido. Considero que se continua a ver o aluno de forma muito individualizada, não estando a ser realizado um trabalho de aprendizagem colaborativa, tal como este terá que aprender um dia no exercício de uma profissão a trabalhar de forma colaborativa e a socializar com os seus pares enquanto futuro cidadão.

Em todos os estágios procurei sempre organizar, dentro do possível, o ambiente educativo de forma a promover o trabalho colaborativo entre os alunos com o objetivo de conseguir observar algumas das evidências das suas aprendizagens, quer na promoção da leitura, quer em todas as aprendizagens na globalidade nas diversas disciplinas. Apenas no último o qual foi realizado online não o consegui concretizar, pois tinha pensado neste último estágio organizar atividades e recolher dados para a minha componente investigativa presencialmente, mas tudo se alterou e não consegui concretizar as evidências que tinha planeado para o mesmo.

Também, dada a previsão de no último estágio continuarmos no formato de ensino online, procurei novas abordagens para ensino a distância. Nas pesquisas que realizei encontrei a *“flipped classroom”* ou sala de aula invertida como é chamada, e que procura trocar o modelo de ensino clássico centrado no professor, centrando no aluno uma maior autonomia nas suas aprendizagens. O objetivo é inverter o espaço educativo, no qual tradicionalmente o professor aborda os conteúdos na sala de aula e o aluno efetiva as suas aprendizagens em casa, estudando os conteúdos lecionados de forma autónoma. Este novo modelo de ensino pretende justamente o contrário, que o aluno em casa aprenda os novos conteúdos, em que o professor utilizando a tecnologia para coloca os conteúdos a serem aprendidos pelos alunos de forma apelativa, de acordo com sua faixa etária, através de vídeos, plataformas digitais, entre outros, e em contexto de sala de aula, o aluno coloca as suas dúvidas e com o apoio e orientação do professor efetiva as suas aprendizagens. No entanto não me foi possível aplicar qualquer característica deste modelo de aprendizagem, dado as aulas online terem que ser realizadas no mesmo formato para todas as turmas do agrupamento.

Parte II – Prática Investigativa

3. 1. Contextualização do estudo

A segunda parte deste relatório pretende evidenciar de que forma nos diversos contextos de estágio o tema em estudo foi tendo cada vez mais relevância no decorrer dos mesmos, bem como as questões que emergiram da minha prática de ensino supervisionada, as quais foram identificadas no primeiro estágio, em contexto de primeiro ciclo de ensino básico e prendem-se com a organização da sala de aula e com a importância da leitura para o sucesso escolar. Estes temas surgiram após a primeira semana de observação de estágio durante na qual percebi que as crianças estavam sempre organizadas da mesma forma na sala, sentadas individualmente, não havendo lugar à realização de trabalho em grupo, nem aprendizagem partilhada, e nenhum tipo de interação entre elas. Sob o pretexto que o grupo não tinha maturidade, sendo pouco autónomo, não foi possível realizar trabalho em grupo. No entanto, Arends (2008, p 345) considera que “os alunos trabalham em equipa para atingirem os objectivos da aprendizagem”.

A questão da leitura emergiu ao constatar que no decorrer do estágio as crianças não gostavam de ler os textos quando lhes era solicitado e tinham imensas dificuldades na sua leitura, daí as suas dificuldades na sua interpretação e na realização de trabalhos escritos. Considero que a leitura é fundamental para a compreensão e interpretação não só a nível escolar, mas posteriormente no nosso quotidiano. Sim-Sim, (2007, p,7) refere que “todos reconhecemos que saber ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional.” Assim, questiono-me também sobre a importância que a leitura tem para o sucesso escolar das crianças, uma vez que é transversal todas as áreas do saber, pois se as crianças não conseguem ler corretamente, não conseguirão perceber o que lhes é solicitado ao nível do português, mas também das diferentes áreas curriculares.

Ao refletir sobre estas duas questões, considero que a organização do espaço educativo contribui efetivamente para a aprendizagem das crianças, e se introduzirmos momentos de leitura que sejam realizados com uma organização de sala adequada e propícia à mesma, as crianças despertarão mais interesse e curiosidade pela leitura estando também

mais despertas para a aprendizagem. Dessa forma, ao conseguirmos mobilizar os interesses das crianças para a nossa prática educativa, conseguiremos que estas consigam atingir os objetivos a que nos propomos aquando da nossa planificação. Tal como afirmam (Teixeira & Reis, (2012), “a forma como o mobiliário está disposto pode ter influência no tempo de aprendizagem escolar e, conseqüentemente, na aprendizagem dos alunos.” (p.64). Também Figueiroa et al. (2018) refere que as aprendizagens podem ser potenciadas em diversos espaços sem ser a sala de aula tradicional tais como, no recinto escolar, biblioteca, laboratório “onde ubiquidade é palavra chave, ou seja, em todos os espaços onde pode haver o recurso a novas tecnologias para potenciar as aprendizagens, recorrendo a pedagogias que favoreçam a transformação do processo educativo” (p.29).

As minhas questões ficaram reforçadas após ter pedido autorização à professora cooperante para a realização de uma atividade de leitura de uma história, a qual pretendia trabalhar, numa sala diferente da sala de aula, na qual os alunos ouviram a história, mostraram interesse na mesma e interiorizaram o que tinham ouvido. Assim, questiono-me sobre:

- Qual a relevância da organização da sala de aula / ambiente educativo na promoção da leitura?

Relacionadas com questão acima referida, também surgiram as questões abaixo, as quais complementam o tema que pretendo desenvolver:

- De que modo a organização da sala de aula influencia a aprendizagem?

- Qual a potencialidade da organização da sala de aula na promoção da leitura?

- De que forma pode o professor contribuir para a promoção da leitura?

Enquanto profissional na área da educação, considero pertinente aprofundar o meu conhecimento sobre esta temática para, no futuro, aplicar os meus conhecimentos na prática e organizar o ambiente educativo de acordo com as aprendizagens que pretendo desenvolver nos alunos.

Assim, esta parte do relatório faz referência ao enquadramento teórico da problemática, aos aspetos metodológicos onde se abordam as opções metodológicas, tais como as técnicas e instrumentos de recolha de dados, os participantes do estudo, a análise dos dados, a apresentação e discussão dos resultados, bem como as considerações finais referentes ao estudo realizado.

3.2. Enquadramento teórico

3.2.1. Organização da sala de aula na promoção da aprendizagem - O espaço da sala de aula

A sala de aula, assume-se como um espaço físico que os alunos e professores utilizam para o seu trabalho durante o tempo letivo. No entanto, esta não deve ser apenas vista como um espaço físico com materiais e mobiliário, mas deve ser tida como um espaço pedagógico com intenção educativa na partilha e transmissão de saberes, valores, entre outros.

Segundo Zabalza (1998), o espaço é, um lugar delimitado, que nos sugere algo palpável, “físico” (p.230), daí a importância da sua organização de acordo com o que queremos que esse espaço ofereça em termos de aprendizagem aos alunos.

Forneiro (2008 citado por Teixeira & Reis 2012), afirma que os espaços físicos são “locais para a atividade caracterizados pelos objetos, pelo material didático, pelo mobiliário e pela decoração” (p.53). Este espaço deverá conter todos os materiais inerentes à atividade facilitadora da aquisição de conhecimento pelas crianças.

Para Estrela (1994), “o espaço pedagógico é simultaneamente o lugar físico em que se processa a transmissão intencional do saber e a estrutura de origem cultural que suporta e organiza a relação pedagógica” (p.37). Podemos assim proferir que o espaço é algo físico, mas também pretende ser um local organizado com intenção pedagógica.

Também Figueiroa et al (2018) afirma que “Os espaços físicos devem também possibilitar a alteração e reorganização rápida da sala de aula, considerando a mobilidade e portabilidade dos equipamentos, facilitando a colaboração e flexibilidade na realização das atividades.” (p.29). Podemos então afirmar, que o espaço da sala de aula tem as suas características físicas e com ele, está relacionada a dinâmica que se pretende criar na sala para aprendizagem educativa, permitindo organizar o ambiente educativo de diversas formas de acordo com as aprendizagens pretendidas.

3.2.2. Organização do espaço na sala de aula

O professor quando entra numa sala com o objetivo de realizar determinadas atividades deve ter em conta a sua disposição para a realização das mesmas. A organização da sala de aula deve de estar adequada às características do grupo de alunos, bem como às atividades que se pretendem realizar de forma a facilitar a aprendizagem.

Arends (2008) refere que, “(...) a forma como o espaço é usado influencia a forma como os participantes da aula se relacionam uns com os outros e o que os alunos aprendem.” (p.126). Assim, e reforçando a ideia do autor, o espaço de aprendizagem deve ser flexível para que possam estar a acontecer diferentes tipos de trabalhos num mesmo espaço e haver um espírito de partilha e cooperação entre os alunos.

Para Teixeira & Reis, (2012) “A organização do espaço da sala de aula reflete a ação pedagógica do professor, pelo que ele deve avaliar o seu próprio estilo de ensino: se gosta de ver todos os alunos ao mesmo tempo, se vai usar atividades em pequenos grupos, se vai lecionar com exposição a maior parte do tempo, ou outras formas.” (p.170). De acordo com o que o professor pretende desenvolver na sua ação pedagógica, deve organizar o ambiente educativo de forma a que seja um elemento facilitador da mesma.

Também Ferrão Tavares (2000 citado por Teixeira & Reis, 2012) comprova que é fundamental refletir sobre a organização adequada do espaço na sala de aula como meio de facilitar a interação ou diminuí-la. A autora também refere a diferença dos níveis existentes entre as escolas, dizendo que “à medida que se avança na escolaridade, os espaços deixam de ser dinâmicos para se tornarem fixos” (p.33). Os espaços dinâmicos referidos pela autora são áreas que podem ser modificadas de forma a facilitar as atividades dos alunos.

A organização dos ambientes educativos deve ser pensada em função dos objetivos de aprendizagem, de modo a que possa ser experienciada e apropriada por cada criança do grupo de acordo com o seu perfil de aprendizagem e a intencionalidade do contexto educativo em que ocorre. A forma da sala de aula deve adequar-se às suas funções, sendo que diferentes formações são utilizadas para diferentes funções (Arends, 2008).

Arends, (2008), enumera vários tipos de disposições das mesas e cadeiras da sala de aula de acordo com o objetivo que pretendemos trabalhar com os alunos, sendo elas: em filas e colunas, disposição em grupos, disposição em colunas, disposição das mesas da sala em U e disposição das mesas em círculo.

A disposição em filas e colunas é a mais tradicional em que as mesas dos alunos estão dispostas unicamente em filas, com os alunos sentados todos virados para o quadro. Logo podemos afirmar que o professor não oferece momentos de partilha e de interação entre os alunos. Não existindo diálogo, a partilha de ideias na aprendizagem entre os alunos é nula, tal como representa a (Figura 7).



Figura 7 - Disposição das carteiras em filas e colunas, (Arends 2008, p.270).

Para o autor a disposição em pequenos grupos, com quatro e seis elementos cada um, (Figura 8 e 9), é vantajosa para “a aprendizagem cooperativa e para outras tarefas em pequenos grupos.” (Arends, 2008, p.358). A forma como as mesas estão dispostas em pequenos grupos favorece o diálogo e a interação entre as crianças do mesmo grupo. Também facilita o acesso do professor às próprias mesas de forma individualizada.

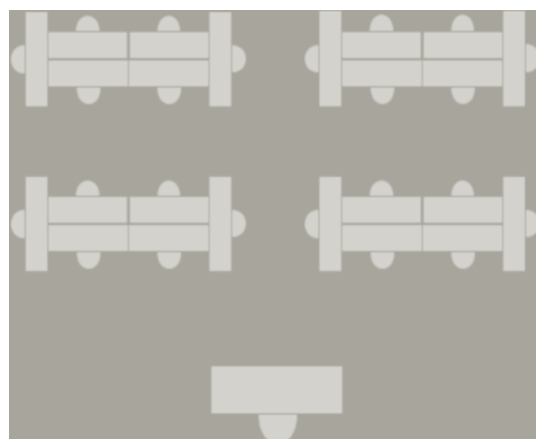


Figura 8 e 9- Disposições das carteiras em grupos de quatro e seis lugares/alunos, (Arends 2008, p. 359).

Arends (2008), refere que a disposição em U (Figura 10) facilita a visibilidade e a interação entre o grupo, permite contacto deste com o professor sempre que necessite da

atenção e os alunos tem uma maior facilidade em deslocarem-se ao quadro. Mas, esta disposição tem desvantagens, existe uma maior distância entre o grupo e o professor o que também acontece em relação aos alunos.

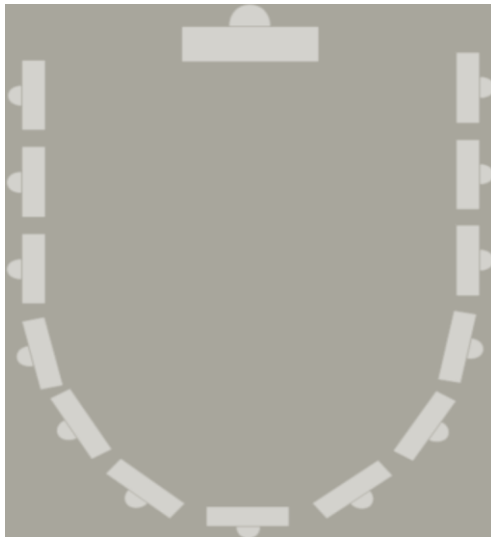


Figura 10 – Disposição em U (Arends, 2008, p.423).

A disposição em círculo (Figura 11) é aplicada de forma intencional por parte do professor para promover o diálogo e discussão de trabalhos proporcionando maior visibilidade e interação entre o grupo. No entanto impede o professor de se movimentar livremente entre os seus alunos, (Arends, 2008).

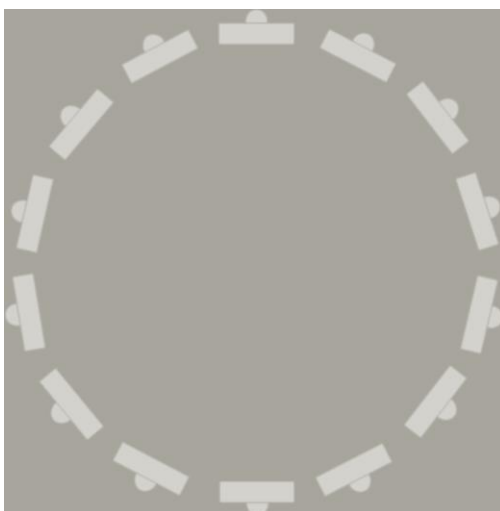


Figura 11 – Disposição em círculo (Arends, 2008, p.423).

O espaço físico da sala de aula dispõe de elementos que o integram com o propósito de criar uma dinâmica para que as aprendizagens sejam desenvolvidas com sucesso. O mais

importante na disposição das salas de aula é a flexibilidade do professor. Este deve experienciar as diferentes disposições, pois o ambiente da sala é fundamental para as aprendizagens. O professor deve ser flexível e modificar a disposição da sala de aula e experimentar diversas formas de organização de forma a perceber a que mais se adequa ao trabalho que pretende desenvolver com os seus alunos.

Também de segundo o Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017) “Pretende-se que o jovem, à saída da escolaridade obrigatória, seja um cidadão: munido de múltiplas literacias que lhe permitam analisar e questionar criticamente a realidade, avaliar e selecionar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia a dia” (p. 15). Daí ser fundamental o professor alicerçar práticas pedagógicas diversificadas que permitam capacitar o aluno destas competências. Tal como Arends, também Figueiroa et al (2018), reforça a importância da criação de ambientes educativos diversos que permitam aos alunos desenvolver apetências nas mais diversas áreas, pelo que consideram que para diferentes atividades deverão existir diferentes espaços de aprendizagem os quais se destacam: momentos mais expositivos para o grupo da turma, trabalho em pequenos grupos, trabalho colaborativo, trabalho individual, trabalho fora da sala de aula e ubiquidade, conforme podemos observar na (figura 12), cabendo assim as mais diversas aprendizagens em diversos espaços.



Figura 12 – Espaços de Aprendizagem (Figueiroa et al, p. 30)

Dado que cada vez mais os alunos recorrem às tecnologias para momentos de lazer, as mesmas podem também, ser utilizadas como um recurso aliado na sua aprendizagem, igualmente, cada vez mais o professor dispõe de ferramentas tecnológicas que podem ser promotoras de aprendizagens significativas, assim, através da criação das denominadas “salas do futuro” são criados diversos ambientes interativos onde o professor desenvolve nos alunos diversas competências de aprendizagem.

Como afirma Figueiroa et al (2018) “Estamos perante um ambiente onde se tem em linha de conta três dimensões fundamentais: o espaço, a pedagogia e a tecnologia, que interligados e relacionados entre si, facilitam com proficiência a inovação das metodologias nos processos de ensino e aprendizagem. (p.28 e 29). Tal como mostra o modelo original do Future *Future Classroom Lab* da *European Schoolnet* (Figura 13) o espaço de aprendizagem é dividido por seis zonas, em que cada zona tem uma função pedagógica específica em termos de aprendizagem que se pretende que o aluno desenvolva, sendo estas: interagir, apresentar, investigar, criar, desenvolver e partilhar (Figueiroa et al, 2018, p.31). Assim, cabe ao professor estimular os seus alunos a utilizar todas zonas de forma a que os mesmos consigam desenvolver as competências inerentes a cada zona.



Figura 13 – Modelo original do Future Classroom Lab, European Schoolnet (Figueiroa et al, p.31)

Importa também referir que o ambiente educativo não se limita à sala de aula, sendo os espaços interiores e exteriores capacitados para oferecerem aprendizagens ativas aos alunos. O professor pode complementar o ambiente indoor com o ambiente outdoor ao realizar uma visita de estudo por exemplo a um museu, acerca de um conteúdo abordado na sala de

aula, ou simplesmente preparar atividades indoor acerca de um conteúdo e preparar atividades outdoor as quais os alunos contactam diretamente e experienciam vivências muito mais ricas com os conteúdos que estão a ser abordados. Indo ao encontro do pensamento de Figueiroa et al (2018) “espaços de aprendizagem que se criam ou recriam para potenciar as aprendizagens – seja dentro dos vários espaços do recinto escolar, (...) ao ar livre, em casa, no autocarro (p. 29).

Indo ao encontro das implicações práticas mencionadas no “Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória” relacionadas com a prática pedagógica do docente o mesmo refere também a importância de “promover de modo sistemático e intencional, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores” (p.31). Também é referido no mesmo documento um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelos alunos as quais destaque serem evidentes num ambiente de aprendizagem interativo e flexível sendo elas o relacionamento interpessoal, através da interação e cooperação entre os alunos, o desenvolvimento pessoal e autonomia, que é evidente num ambiente centrado no aluno com autonomia para desenvolver estratégias para conseguir atingir os seus objetivos, o; bem-estar, saúde e ambiente onde é levado a adotar medidas de cidadania e sustentabilidade ambiental, tendo consciência da sua importância enquanto cidadão. Cabe ao professor incentivar, estimular, criar e desenvolver novas práticas de forma a conseguir mobilizar os seus alunos a conseguir atingir todas essas competências mencionadas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

3.2.3. Organização do espaço na promoção da leitura - A importância da leitura

“O leitor não nasce, faz-se”, menciona Cerrillo (2006, cit. por Martins & Azevedo, 2016), dando assim ênfase à importância do acesso ao livro e à leitura desde a infância. Quanto mais cedo for fomentado o hábito de leitura e de contacto com o livro mais importância a mesma tem para o indivíduo.

Muitos são os benefícios da leitura, os quais são constantemente divulgados, e publicitados no sentido de estimulação e incentivo da mesma. A leitura influencia a formação de cada indivíduo. A leitura tem inúmeras vantagens, entre elas, a aquisição de cultura, o desenvolvimento da imaginação, o enriquecimento de vocabulário, um melhor desempenho escolar e melhora a competência da escrita, daí a importância de ler livros desde a infância.

Para Sobrino (2000), o livro “desperta e estimula a imaginação infantil, fomenta e educa a sensibilidade, provoca e orienta a reflexão e cultiva a inteligência.” (p.29). No entanto a prática da leitura tem que ser incentivada, pois os estudantes preferem outros meios de distração, como brinquedos apelativos e aparelhos tecnológicos mais cativantes, desviando-os da sua prática. O mesmo autor refere que a leitura “procura o seu espaço num mundo pouco propício à sua prática, mas que, por outro lado, oferece mais do que nunca possibilidades a quem a queira cultivar.” (Sobrino, 2000, p.29).

No entanto, a leitura requer também a compreensão do que se lê, pois se lermos e não compreendermos o que estamos a ler, somos logo desmotivados para a sua prática. Sim-Sim (2009, p. 9) refere que “ler é compreender o que está escrito. A leitura é acima de tudo um processo de compreensão que mobiliza simultaneamente um sistema articulado de capacidade e de conhecimentos”.

A autora afirma também que “o grande objectivo do ensino da compreensão da leitura é o desenvolvimento da capacidade de ler um texto fluentemente, o que implica precisão, rapidez e expressividade na leitura”. (Sim-Sim, 2007, p. 11). Nesse sentido, o professor assume um papel determinante no ensino e aprendizagem da leitura, pois a forma como lê e como se relaciona com a leitura tem influência na aprendizagem e motivação dos alunos perante a mesma.

Também no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017) é dada ênfase à importância da leitura em que na área “Linguagem e textos”, menciona ser expectável que os alunos, à saída da escolaridade obrigatória, utilizem “de modo proficiente diferentes linguagens e símbolos associados às línguas, à literatura, à música, às artes, às tecnologias, à matemática e à ciência” e apliquem essas mesmas linguagens “de modo adequado aos diferentes contextos de comunicação, em ambientes analógico e digital” (p.21).

O PNL2027 igualmente assevera que a leitura é “uma condição básica transversal a todo o conhecimento, uma competência multimodal de literacia que combina diferentes linguagens, textos e formatos, e um direito humano com impacto direto no crescimento pessoal dos indivíduos, no desenvolvimento económico, social e cultural do país e na qualidade da nossa democracia, inclusão e cidadania” (PNL2027, 2017, p.7). Tem também um papel orientador muito relevante no que respeita a sugestões de leitura, orientada (em sala de aula) e autónoma. Cabe assim, ao professor proporcionar atividades e organizar o ambiente educativo de forma a motivar os seus alunos para a leitura, de forma a que estes se sintam motivados para a sua realização.

Também o Programa Rede de Bibliotecas Escolares para 2021-2027, pertencente ao Ministério da Educação que tem como objetivo instalar e desenvolver bibliotecas em escolas públicas de todos os níveis de ensino, sendo cada vez mais as escolas que pertencem ao mesmo, o que permite o acesso, uso e produção da informação e conhecimento, em suporte analógico, eletrónico e digital a todas as bibliotecas escolares. Neste contexto a biblioteca escolar assume um papel crucial na motivação para a leitura dos alunos, na qual o professor bibliotecário em articulação com os professores das diversas turmas consegue de forma apelativa mobilizar os alunos à prática frequente da leitura através da utilização de vários recursos e atividades para a sua promoção. As bibliotecas são espaços de articulação entre áreas e disciplinas e de atividades promotoras de competências como a comunicação, a colaboração, o pensamento crítico e a criatividade que em muitos contextos educativos são verdadeiros laboratórios criativos. É fundamental que o professor bibliotecário ou o mediador conheça bem a comunidade em que vai mediar a leitura, que estabeleça laços afetivos com ela, que conheça os seus interesses e recorra a novas abordagens, com recurso a ferramentas tecnológicas.

3.2.4. O professor como mediador da organização do espaço na promoção da leitura

A escola é um espaço em que se impõe a leitura, desde os cartazes expostos, ao professor que passa com um livro debaixo do braço, podendo esses livros ser consultados em qualquer canto do espaço educativo (Sobrino, 2000).

Na sala de aula o professor deve proporcionar momentos de leitura de forma a que os alunos interajam entre si, realizando, assim, aprendizagens conjuntas e partilhas de pensamentos, ideias contribuindo assim, para estimular o gosto pela mesma. Como afirma Silva (2009) o professor lê e faz ler os seus alunos. O professor lê e provê conteúdos. O professor lê e prevê caminhos. O professor lê e se vê melhor nas suas caminhadas. O professor lê e se reconstrói nas experiências. Logo, podemos afirmar que para além de planejar atividades de leitura, o professor deve também, estar motivado para poder transmitir esse gosto aos seus alunos, pois muitos deles vêm-no um exemplo, se estiver motivado para a leitura, mais facilmente motiva os seus alunos para serem bons leitores.

De acordo com os Perfis Específicos de Desempenho do Professor do 1.º ciclo, o docente, no decorrer da sua ação pedagógica “desenvolve nos alunos as competências de compreensão e de expressão oral, mobilizando conhecimentos científicos relativos aos processos através dos quais se desenvolve a linguagem e se realiza a comunicação interpessoal” (Decreto-Lei n.º 241/2001, p.8).

O referido perfil de desempenho profissional serve como uma base orientadora para os docentes, pois o ensino da leitura implica possuir um nível elevado de conhecimento da língua, uma sólida compreensão de conceitos subjacentes ao desenvolvimento de competências que resultam de processos de aquisição natural e espontânea. Não esquecendo a necessidade de um número elevado de estratégias pedagógicas que devem desenvolver e motivar a aprendizagem de competências secundárias, como são a leitura e a escrita, num espaço organizado de forma a que estas aprendizagens se consigam realizar.

No que se refere à organização do espaço Sim-Sim, (2009) enumera um conjunto de estratégias a adotar pelo professor que potenciam contextos estimulantes de leitura:

- Mesas dispostas de maneira a permitir o trabalho de grupo (de escrita, de leitura, de consulta, de estudo);

- Que a sala contenha materiais de leitura e de escrita variados e atrativos;
- Que o professor crie rotinas diárias de leitura e de escrita recreativa;
- Que as crianças ouçam e vejam os adultos a ler materiais diversos e para fins específicos;
- Que seja criado um clima de cumplicidade entre a escola e a família com o objetivo de favorecer atividades conjuntas de leitura;
- Que as crianças conversem com o adulto sobre o que ouvirem ler;
- Que seja facilitado o acesso a páginas Web para materiais de leitura.

Outro fator importante para promover a leitura é a escolha dos livros que se vão ler e a forma como os vão ler, dado que, com o aparecimento das tecnologias digitais, podem ser implementadas novas formas de leitura na sala de aula, na qual o professor deve, de acordo com as características da turma, alertar para a sua correta utilização, modificar o ambiente educativo tornando-o apelativo para a leitura e escolher livros que vão ao encontro dos interesses dos seus alunos. “Se ler é deleitar-se, também é instruir-se; por isso, ler é instruir-se com prazer.” (Sobrino, 2000, p. 38). Um livro, que nos tenha feito sonhar ou nos transporte para uma aventura, desafia a leitura de outro e, assim, se vai construindo o leitor.

Para concluir, a organização do ambiente da sala de aula, constitui um fator relevante para que os alunos se sintam motivados para a aprendizagem, permitindo ao professor dinamizar e proporcionar tarefas diversificadas para uma aprendizagem mais participativa. O professor deve procurar conhecer os seus alunos e o contexto onde está inserido, para adequar estratégias que mobilizem a aprendizagem dos mesmos, sendo dessa forma facilitador e mediador do conhecimento. Ao conseguir adequar a sua prática educativa, quer ao nível da organização do grupo, da sala e sua disposição e atividades que promovam uma aprendizagem mais ativa no âmbito da leitura ou de outras áreas disciplinares que pretenda trabalhar, irá proporcionar aos seus alunos aprendizagens e desenvolvimento de competências de pesquisa, pois as leituras podem vir das suas pesquisas, das questões que colocam e da busca de soluções para as mesmas, competências sociais, tais como a partilha de ideias, espírito de entreatajuda, respeito pelos colegas e empenho para a realização das atividades propostas.

3.3. Aspetos metodológicos

3.3.1. Opções metodológicas

A Metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método do trabalho de pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do tempo previsto e de todos os meios necessários para a sua concretização.

Para Richardson (1999), é um conjunto de abordagens técnicas e processo utilizado para formular e resolver problemas de aquisição objetiva do conhecimento, de uma maneira sistemática, através do método.

O presente estudo tem como objetivo aprofundar conhecimentos acerca da importância da organização do ambiente educativo na promoção da leitura. e assume uma natureza exploratória e qualitativa/ interpretativa, já que se prende com a compreensão de uma dada realidade no contexto educativo procurando ampliar o conhecimento no âmbito da problemática identificada. Conforme refere Ponte (2006) um estudo exploratório serve “para obter informação preliminar acerca do respetivo objeto de interesse” (p.6). Na investigação qualitativa também podemos verificar que “(...) os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números (...)” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

3.3.2. Sujeitos do estudo / participantes

Os intervenientes da minha investigação foram as 26 crianças das turmas de 5º e 6º ano com idades compreendidas entre os 10 e 13 anos e os professores cooperantes do 2º ciclo. Pretendi encontrar respostas para as minhas questões que surgiram relacionadas com a organização da sala de aula na promoção da leitura.

No decorrer da minha investigação as questões éticas estiveram sempre presentes, sendo os questionários realizados às crianças anónimos. Solicitei também aos encarregados de educação o seu consentimento para fotografar/filmar os seus educandos, tendo como única finalidade a obtenção de dados para o presente estudo, referindo que o anonimato estará presente aquando a divulgação dos resultados do mesmo.

3.3.3. Recolha e análise de dados

Para este estudo utilizei alguns instrumentos e técnicas de recolha de dados tais como a observação participante, grelhas de observação, registos fotográficos, diálogos com os professores cooperantes e questionário aos alunos. Segundo Bogdan & Biklen (1994), a análise de dados é “o processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.” (p. 205). Esta organização tem como objetivo a compreensão e apresentação de todos os materiais recolhidos.

A observação participante permitiu-me no decorrer das várias PES observar a organização da sala de aula nos diversos contextos educativos onde foram realizadas as mesmas e recolher dados inerentes à sua organização, bem como à interação das crianças nesses contextos educativos. Como referem Bogdan & Biklen (1994) “(...) a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados” (p. 94). Para me ajudar a sistematizar a informação realizei um diário de bordo como técnica de recolha de dados, que complementa e auxilia na análise dos dados. Segundo Ponte (2002) o uso de diários de bordo “onde o investigador regista os acontecimentos relevantes que vão surgindo no decurso do trabalho, bem como as ideias e preocupações que lhe vão surgindo” (p.14), tornando-se um suporte essencial da observação participante.

Elaborei e apliquei um questionário aos alunos referente aos hábitos de leitura e ambientes de leitura que mais são do seu agrado de forma a perceber e comparar a opinião dos mesmos com o que estava a ser aplicado no contexto de sala de aula, e o que era possível de ser modificado a mesma. O questionário foi realizado online recorrendo ao Googleforms o que permitiu uma maior rapidez na recolha de dados, uma vez que os mesmos foram recolhidos durante a pandemia e o tempo de aula síncrona era apenas de trinta minutos.

Procedi à recolha fotográfica de algumas atividades realizadas, pois a fotografia como instrumento de recolha de dados é uma técnica que permite conseguir o registo visual de momentos marcantes durante a realização das atividades que sejam significativos para uma melhor interpretação e apreensão dos resultados possibilitando também lembrar os mesmos. Contudo, e destacando dois aspetos que podem ser considerados constrangimentos deste instrumento, distrai as crianças aquando da realização das atividades e também é difícil

fotografar as ações quando nos encontramos a intervir no contexto, pelo que solicitei à minha colega de estágio para fotografar as atividades pretendidas, tentando que estas sejam tiradas naturalmente para terem a sua veracidade do contexto observado, pois para Bogdan e Biklen, (1994) as crianças acabam por se acostumar e ficar indiferentes se a fotografia for prática habitual na sala.

No que se refere à análise de dados procedi à análise documental dos registos obtidos no diário de bordo, através da interpretação e observação dos registos fotográficos, e da análise dos dados do questionário realizado às crianças. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a análise dos dados verifica-se ao longo de toda a investigação, se bem que seja normalmente nas fases finais que os dados são analisados de forma mais sistemática (p.84). Também os mesmos autores referem que as interpretações dos registos resultam de uma profunda reflexão e análise de todos os dados recolhidos, uma vez que estes “raramente se encontram isolados” durante a investigação (Bogdan & Biklen, 1994, p.149). Assim, realizei a junção de todos os elementos obtidos no decorrer do estágio e realizei uma reflexão de todos com o objetivo de responder a todas as questões que emergiram e são objeto do meu estudo.

3.4. Apresentação e análise dos dados

Conforme mencionei anteriormente, dada a situação pandémica vivenciada aquando da minha última prática de ensino supervisionada, não me foi possível recolher as evidências desejadas para o meu estudo. Apenas me foi permitido aplicar um questionário aos alunos referente à sua preferência no que se refere aos ambientes de leitura, o qual foi realizado online no Googleforms e me permitiu recolher algumas evidências acerca das preferências dos alunos no que se refere aos ambientes educativos para a leitura. Também no decorrer das PES anteriores consegui algumas evidências que indicam o quanto a organização do ambiente educativo interfere nas interações e aprendizagem dos alunos e favorece a promoção da leitura no contexto educativo.

Assim, vou apresentar os dados recolhidos no questionário e analisar os mesmos de acordo com as evidências demonstradas. Segundo Bogdan & Biklen (1994), “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (p. 50).

O questionário foi aplicado a 26 alunos entre os 10 e os 12 anos, a frequentar o 5º e 6º ano de escolaridade. Inicialmente procurei saber o quanto que os alunos gostam de ler na escala de 1 a 5 em que 1 corresponde a não gosta de ler, 2 gosta pouco de ler, 3 gosta de ler, 4 gosta muito de ler e 5 gosta muitíssimo de ler. Tal como nos mostra o gráfico a leitura poderia ser mais potencializada, dado que o nível 3 foi o mais escolhido pelos alunos.

3. Numa escala de 1 a 5 indica o quanto gostas de ler

26 responses

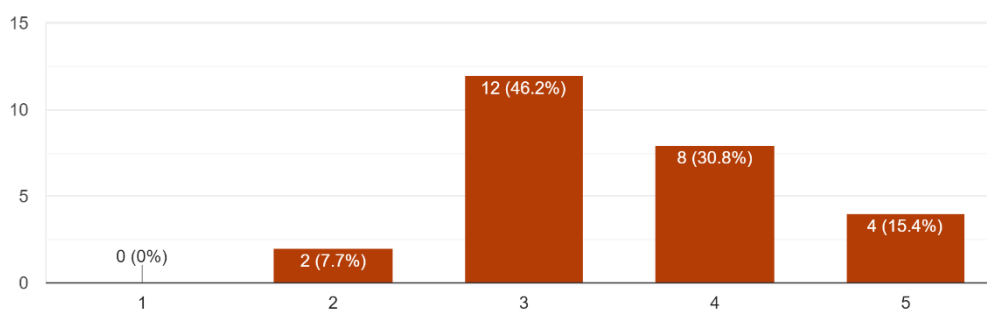


Gráfico 1 – Gosto pela Leitura

Após o gosto pela leitura, pretendi também saber qual o local que os alunos têm por hábito realizar as suas leituras. Através do gráfico podemos verificar que a maioria dos alunos tem por hábito ler no seu quarto.

4. Onde costumavas ler?

26 responses

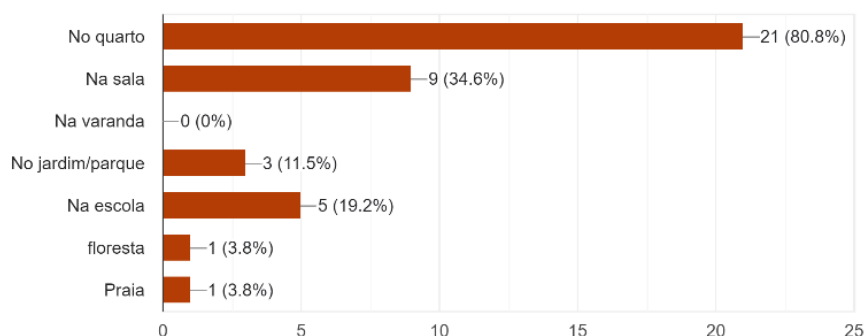


Gráfico 2 – Local habitual de leitura

Também procurei saber de que forma os alunos costumam realizar as suas leituras se sozinhos ou com a presença de mais alguém.

5. Como costumam ler?

26 responses

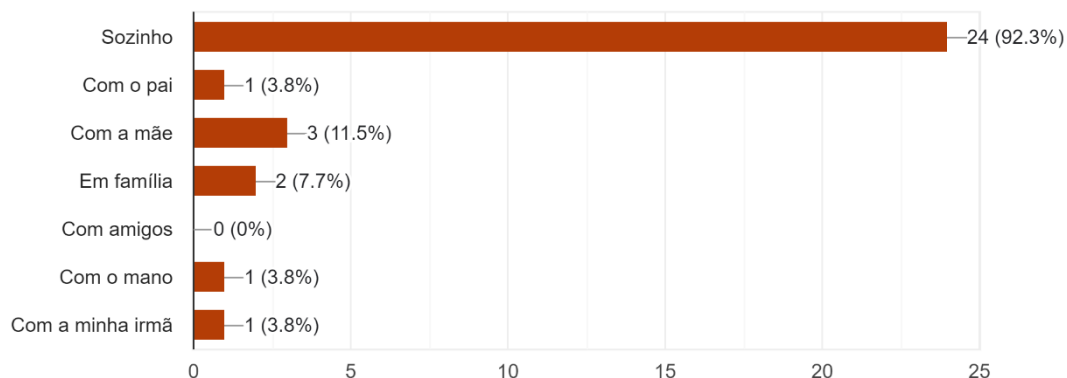


Gráfico 3 – Hábitos de leitura

A maioria dos alunos costuma ler sozinho, o que nos permite dizer que já contêm algum hábito de leitura, caso contrário não o fariam. Assim, torna-se também interessante perceber que tipos de livros são mais escolhidos pelos alunos.

6. Que tipos de livros mais gostas de ler?

26 responses

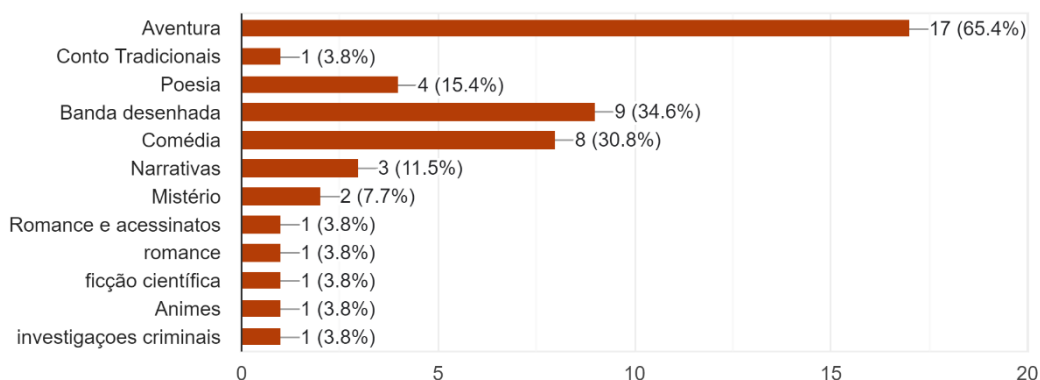


Gráfico 4 – Tipo de livros que mais gosta de ler

Na globalidade os alunos têm preferência por livros de aventura, seguindo-se os de banda desenhada e comédia, o que corresponde ao perfil de leitura de acordo com a idade dos alunos questionados, conforme podemos verificar através do (gráfico 4).

Dado que em todas as turmas de 5^o e 6^o ano as obras de leitura obrigatória são lidas ou na sala ou na biblioteca, sendo reservada uma aula de 90 minutos para o efeito todas as semanas, questionei os alunos acerca dos locais de sua preferência para a leitura no recinto escolar (gráfico 5). Os alunos têm como local preferido para ler a biblioteca, seguindo-se a sala de aula, sendo que podemos constatar que são os locais onde os alunos habitualmente leem as obras literárias do PNL.

10. Na escola onde preferes ler?

26 responses

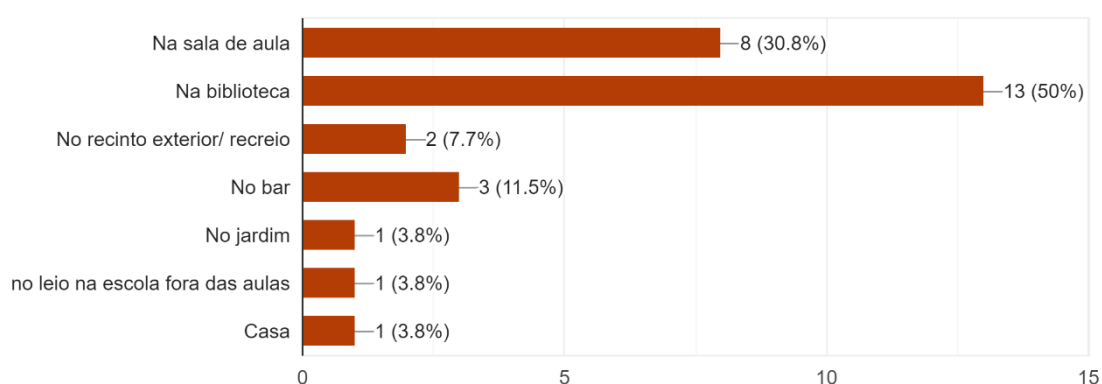


Gráfico 5 – Local na escola preferido para a leitura

Sendo que a leitura das obras nem sempre é realizada da mesma forma, tendo observado e confirmado com os professores cooperantes as várias formas de leitura realizadas nas turmas do 5^o e 6^o anos as quais costumam ser: leitura na sala de forma autónoma e silenciosa, leitura na sala de aula realizada em voz alta pelos alunos, leitura na sala de aula realizada pelo professor em voz alta para a turma, leitura, na sala de aula, projetada na tela pelo vídeo-projetor ou leitura na biblioteca, realizada pela professora bibliotecária. Questionei também os alunos relativamente às suas preferências na leitura das obras literárias. (gráfico 6), os quais preferem a sua leitura silenciosa de forma autónoma.

11. Das atividades de leitura realizadas na escola, qual é a da tua preferência?

26 respostas

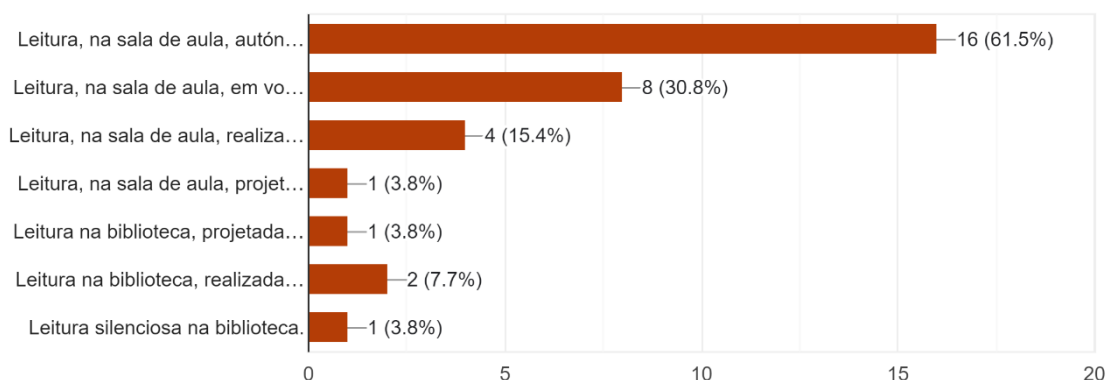


Gráfico 6 – Atividade de leitura preferida dos alunos

A sua preferência pela leitura autónoma e silenciosa poderá ser indicador de cada aluno ter o seu ritmo de leitura e preferir ler autonomamente de forma a perceber melhor o contexto da sua leitura.

Sendo que as obras literárias de 5º e 6º anos foram iniciadas presencialmente na escola e terminadas em contexto de ensino a distância, quis também aferir a preferência dos alunos acerca dos contextos preferidos para a leitura (gráfico 7). Podemos verificar que o ensino presencial tem um peso significativo nas preferências dos alunos, no que se refere à sua preferência para a leitura das obras de educação literária. Pois os alunos, ao serem questionados sobre os três ambientes de leitura com o qual tiveram contacto, a maioria prefere a sua realização em contexto presencial na escola.

12. A obra de Educação Literária "Pedro Alecrim" (6º ano) e "O príncipe nabo" (5º ano) foi lida na sala de aula, na biblioteca e agora terminaste a suas aulas online. Qual das formas de leitura preferiste?

26 respostas

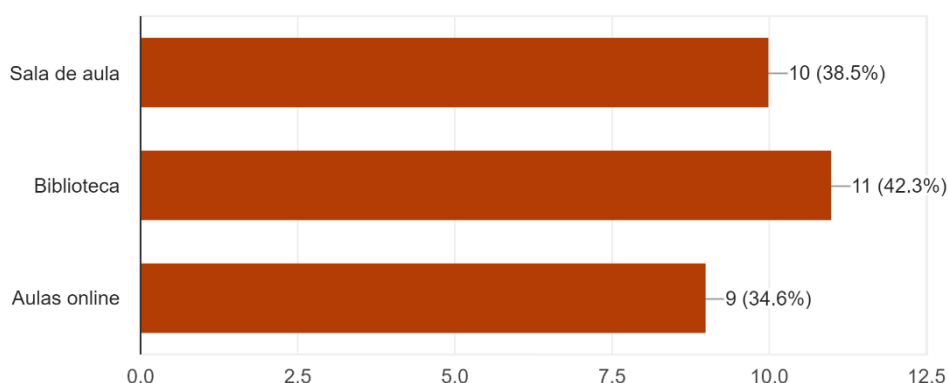


Gráfico 7 – Contexto de leitura preferido dos alunos para leitura obra literária

No entanto também podemos constatar, tal como mostra o gráfico abaixo (gráfico 8), que a biblioteca seria o local preferido dos alunos para leitura, caso fosse realizada a leitura de uma nova obra de Educação Literária. A sala de aula deixa de ser o local eleito para os alunos para a sua realização, preferindo outro ambiente educativo para o fazer.

13. Se fosse realizada a leitura de outra obra de Educação Literária na tua escola, onde gostarias de a ler?

26 responses

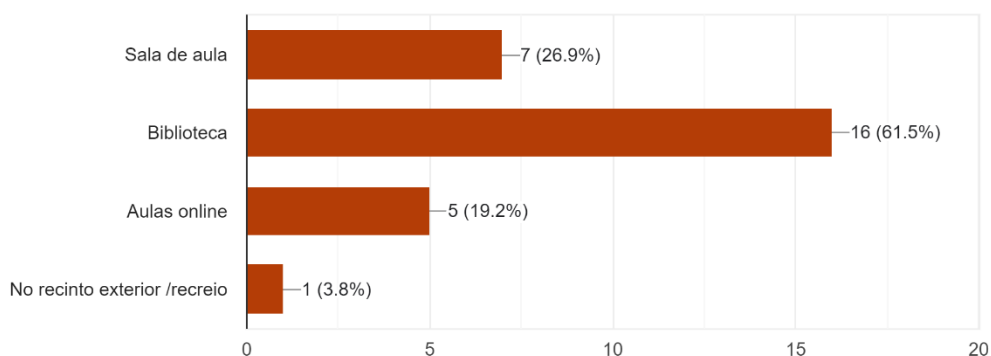


Gráfico 8– Contexto de leitura preferido dos alunos para leitura de nova obra literária

Também podemos verificar no (gráfico 9) que a maioria dos alunos considera que as atividades de leitura da escola promovem o gosto da mesma, o que nos aponta para a continuação desta prática no contexto educativo.

14. As atividades de leitura realizadas na tua escola fazem com que leias mais?

26 responses

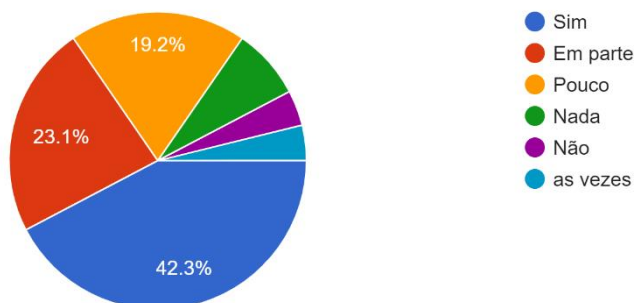


Gráfico 9– Atividade de leitura promovem a literacia nos alunos

No que se refere à organização do ambiente educativo, (gráfico 10) os alunos referem que o mesmo está organizado em pares, pois as carteiras de sala de aula são duplas e tem que estar dois alunos por mesa para caberem todos na sala, caso contrário não caberiam. No entanto, nas conversas com os professores cooperantes os mesmos referem que preferiam que as mesas fossem individuais pois, evitaria a conversa com o seu par e prestariam mais atenção aos conteúdos lecionados.

16. Como está organizado o ambiente de aprendizagem na tua sala de aula?

26 respostas

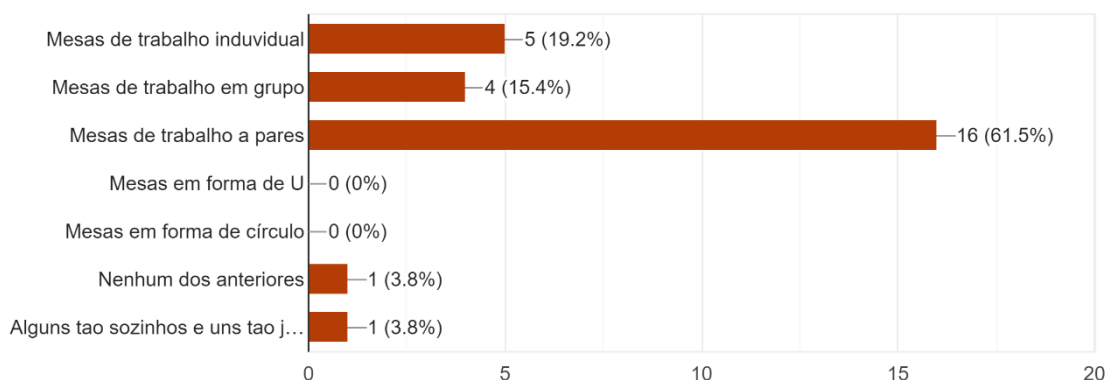


Gráfico 10– Organização do ambiente educativo

No entanto ao questionar os alunos acerca da sua preferência, (gráfico 11) apesar de a diferença não ser muita os alunos preferem o mesmo organizado em mesa de trabalho em grupo, logo de seguida a pares, que vem confirmar o que nos diz Arends, (2008) que as mesas nesta disposição favorecem o trabalho colaborativo, logo, a sua aprendizagem de forma mais autónoma.

17. Como gostarias que o ambiente de aprendizagem na tua sala estivesse organizado?

26 respostas

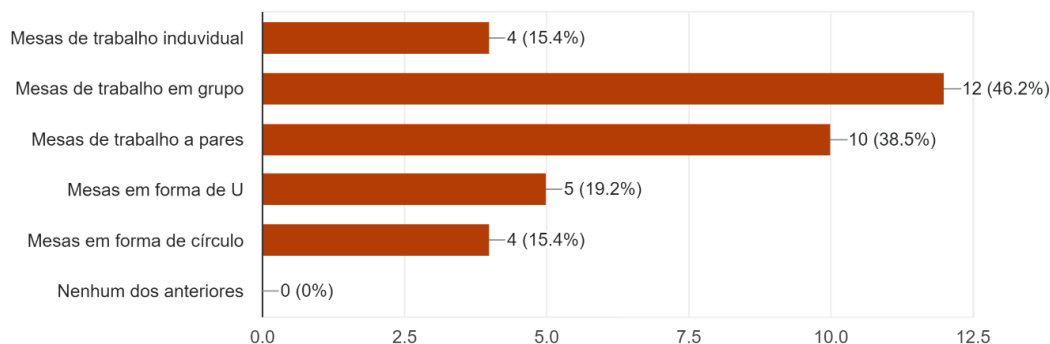


Gráfico 11– Preferências de organização do ambiente educativo

18. Como preferes realizar as tuas aprendizagens na sala de aula?

26 respostas

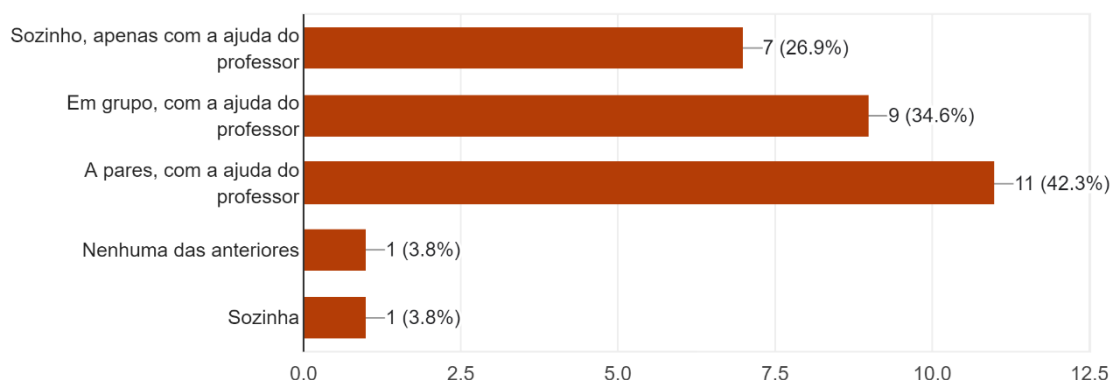


Gráfico 12– Preferências de aprendizagem dos alunos em sala de aula

Também o (gráfico 12) nos mostra que quando questionados os alunos indicaram que para realizar as suas aprendizagens, preferem que as mesmas sejam concretizadas a pares com a ajuda do professor. Tendo em conta o que pude observar os alunos têm como hábito realizar algumas das tarefas em conjunto com o colega do lado, nomeadamente após a leitura de um texto na disciplina de português, as questões de interpretação são realizadas a pares, sendo solicitada a ajuda do professor em caso de dúvidas. Este método de trabalho em sala de aula mostra alguma recetividade para a realização de um trabalho colaborativo por parte dos professores aquando a realização de determinadas tarefas.

No questionário aplicado aos alunos coloquei imagens de três ambientes de aprendizagem distintos as quais se encontram abaixo e solicitei aos mesmos a escolha de um dos ambientes para integrar na sua escola.



Ambiente de aprendizagem 1



Ambiente de aprendizagem 2



Ambiente de aprendizagem 3

Como nos mostra o (gráfico 13) a maioria dos alunos preferiu o ambiente de aprendizagem 3, o qual é um ambiente onde existe interação entre pares em que os alunos são autónomos e mostram alguma autonomia no espaço onde preferem realizar as suas leituras e desenvolver o seu trabalho.

20. Qual dos ambientes de aprendizagem, das imagens abaixo gostarias que a tua escola tivesse?
26 respostas

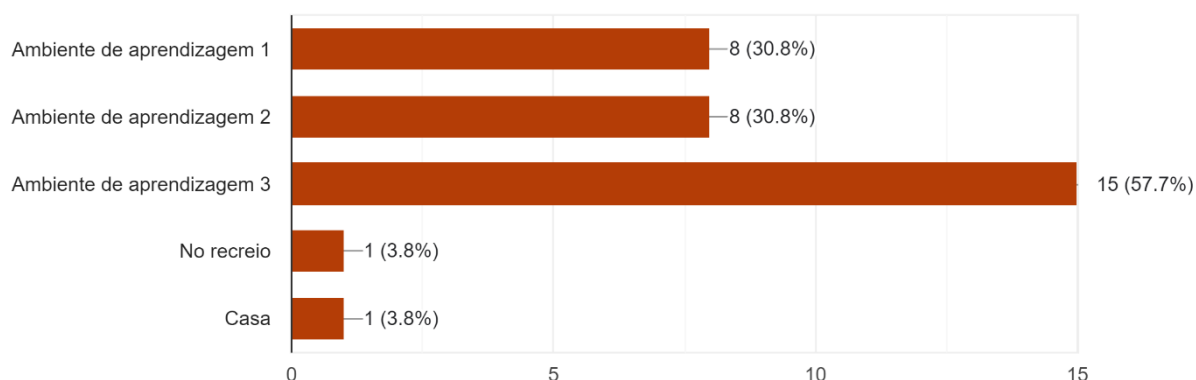


Gráfico 13– Ambientes de aprendizagem da preferência dos alunos

Assim, podemos verificar que se conseguirmos futuramente aliar as tecnologias a uma nova forma de ensino mais colaborativo na qual os alunos participam ativamente no seu processo de aprendizagem em que o professor participa como orientador do processo educativo do aluno, estaremos com toda a certeza a ir ao encontro de o que se pretende com o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, que tenha um conjunto de conhecimentos, capacidades e atitudes enquanto cidadão integrante de uma sociedade.

3.5. Considerações finais

Com os dados obtidos através deste estudo exploratório pudemos verificar através do questionário aplicado aos alunos que estes têm uma preferência por ambientes educativos onde a partilha de experiências e a interação entre pares está presente, ou seja, permite uma aprendizagem mais cooperativa e colaborativa. Tal como afirma Cardoso (2013), ser professor não se cinge apenas a ensinar os alunos, mas sim a aprender com eles sempre em mútuo benefício. O docente deve ser orientador da aprendizagem dos alunos, motivando-os para a mesma através da criação de ambientes educativos promotores de aprendizagens interativas onde a partilha e a colaboração estão presentes entre os alunos. O professor deve “estabelecer estratégias sobre a forma de melhor chegar aos alunos, tem de saber investigar e saber tornar esses conhecimentos acessíveis a todos, tem enfim, de saber trabalhar em grupo com todos” (Cardoso, 2013, p.42). Foi também possível verificar que a maioria dos alunos referiu que a leitura realizada em contexto escolar é potenciadora de novas leituras por parte dos mesmos, pois os alunos aferiram que o facto de a escola promover momentos de leitura leva a que leiam com mais frequência.

Também ficou evidente, através de um recurso educativo digital desenvolvido na aplicação Kahoot que o uso das TIC é potenciador de aprendizagens, pois dada a importância que as mesmas têm para os alunos, é uma ferramenta que deve ser utilizada nas aulas, uma vez que a tecnologia ajuda a mobilizar os alunos para a aprendizagem, lhes possibilita maior nível de autonomia e acesso a maior variedade de informação, de acordo com sua faixa etária, através de vídeos, quadro interativo, entre outros, contando com a ajuda do professor para orientar os alunos potencializando assim a sua aprendizagem. A projeção dos livros em tela permite a partilha entre toda a turma, bem como também a de ideias de todos os alunos acerca do que estão a ler e a visualizar, em que após a sua leitura todos comentam em grande grupo a história lida e conseguem mais facilmente responder às questões presentes no Kaoot.

No início do meu estudo tinha como objetivo recolher elementos que respondessem às minhas questões relacionadas com a organização do ambiente educativo na promoção da leitura, considero que as mesmas ficaram em aberto para futura investigação. No entanto, consegui concluir, através das observações realizadas, nos diálogos com os alunos acerca dos trabalhos desenvolvidos no decorrer da Prática de Ensino Supervisionado, do feedback positivo dos mesmos e das evidências na aprendizagem aquando a concretização das tarefas propostas que a forma como o professor propicia aos alunos aulas mais dinâmicas e

interativas, o ambiente educativo em sala de aula (mesas, cadeiras...) e incentiva os alunos a serem autónomos nas aprendizagens que concretizam é um fator determinante para uma aprendizagem bem sucedida. Assim, posso afirmar que é extremamente relevante a organização da sala de aula/ambiente educativo na promoção da leitura. Posso também concluir que o modo de organização da sala de aula influencia a aprendizagem e as interações que os alunos conseguem estabelecer entre si as quais pude constatar nos diversos contextos onde realizei a minha Prática de Ensino Supervisionado.

Relativamente à resposta à questão, qual a potencialidade da organização da sala de aula na promoção da leitura? É menos evidente neste estudo dado que não consegui concretizar todas as evidências pretendidas, pois devido à pandemia causada pelo Covid 19 todas as atividades que tinha pensadas e a forma de organização do ambiente educativo para a promoção de leitura em contexto presencial, não foram possíveis de ser concretizadas devido ao confinamento e ao facto do ensino ser no formato *online*. No entanto, posso afirmar que a biblioteca escolar foi tida como potenciadora do trabalho colaborativo no que se refere à promoção da leitura, no caso, das obras de educação literária obrigatórias para o 5º e 6º ano. Podemos também verificar que os alunos também gostam de ler autonomamente na sala de aula, sendo um dos locais de preferência dos mesmos para a sua concretização.

Para responder à minha última questão, de que forma pode o professor contribuir para a promoção da leitura? Procurei no decorrer das PES organizar o ambiente educativo de forma a proporcionar interações entre os alunos da turma e que as aprendizagens fossem concretizadas num ambiente de cooperação, exploração e autonomia entre todos os alunos. Incentivei a pesquisa e apresentação da mesma para todos os elementos da turma. O trabalho de grupo e a pares esteve sempre presente com o objetivo a conseguir ter evidências significativas das aprendizagens realizadas pelos alunos num ambiente promotor de partilha e cooperação, no qual a sua organização é um fator determinante para a efetivação das aprendizagens pretendidas.

No que se refere à promoção da leitura, procurei perceber através das observações realizadas, nos diálogos com os professores cooperantes a forma como os alunos mais gostam de ler, que a mesma poderia ser implementada de forma mais dinâmica e ativa no qual o professor poderia articular e fomentar mais atividades na biblioteca escolar, a qual é do agrado dos mesmos. Realizei, de acordo com o que me foi permitido, diversas atividades de leitura diferentes em que os alunos leram a pares, leram em voz alta para a turma, foi feita a leitura de textos através de projetor e li em voz alta textos para os alunos de forma a conseguir inculcar o gosto pela leitura aos mesmos. Ramos (2010) defende que: “um professor

que lê, regularmente em contexto de sala de aula para os seus alunos, que desenvolve actividades inovadoras, conseqüentes a essa leitura, e no qual os alunos reconhecem a existência de um leitor, irá formar crianças que manifestam uma maior vontade de ler” (pag.23). Considero ter potenciado o gosto pela leitura em contexto de sala de aula em alguns dos alunos, uma vez que sugeri aos mesmos, que se estivessem a ler algum livro para trazerem o mesmo para a sala para mostrarem aos colegas e falarmos acerca do mesmo. Alguns dos alunos que já tinham por hábito ler, trouxeram o livro que tinham iniciado ler, tinham lido ou estavam a ler, nomeadamente o “Diário de um Banana” e falaram na turma o que tratava o mesmo e o que já tinha lido, o que suscitou interesse nos colegas os quais pediram aos seus pais para adquirirem um livro dessa coleção e levaram na semana seguinte para mostrar à turma o livro que adquiriram e tinham iniciado ler. Também pude observar que alguns alunos leem pois sabem que a obra literária é de carácter obrigatório, e que é um alvo de avaliação quantitativa, daí perceber que alguns alunos apesar de não estarem motivados para a leitura a concretizavam com o intuito de ter positiva na avaliação referente à leitura da obra literária.

O facto de na segunda PES nos encontrarmos no formato de ensino a distancia, foi exigido aos alunos e professores uma nova adaptação a este novo formato de ensino, o qual é usual em faculdades e não no ensino regular. Pois tal como refere Moore e Kearsley (2013) “Os alunos devem aprender como estudar por meio da tecnologia, como se comunicar – o que nem sempre é igual ao do ensino presencial.” (p. 1). Os alunos tiveram que se adaptar repentinamente ao ensino online, assim como as suas famílias, o que não foi fácil dado alguns não possuírem os equipamentos necessários, bem como a forma de estar neste tipo de contexto não ser a mais adequada. Também para os docentes e para nós estagiárias não foi fácil toda esta adaptação, sendo que foi um fator que limitou a recolha das minhas evidências na promoção da leitura por parte do professor, no entanto neste estudo, ficou realçado que o ensino online não é o mais apelativo para os alunos nesta faixa etária. Todos referiram que preferem estar em regime presencial nas aulas do que em regime de ensino *online* para a realização das suas leituras e aprendizagens.

No entanto considero que apesar de todas as dificuldades iniciais o ensino *online* fez-me crescer profissionalmente e perceber que somos capazes de nos adaptar às mais diversas situações, e conseguir com êxito superar as adversidades. A utilização das TIC saiu reforçada como potenciadora de algumas aprendizagens e tenho a certeza que irá ser mais utilizada após o regresso ao ensino presencial. Pois tal como refere, Ramos (2010) “(...) a sua utilização [TIC] em sala de aula, no que diz respeito à promoção da leitura, pode ser vista numa perspectiva instrumental, isto é, como um suporte ao trabalho do professor, em termos

de instrumento de referência e materiais que ajudem na planificação e aplicação dos mesmos.” (p. 44). Neste sentido, podemos concluir que as TIC na educação valorizam a criatividade e a capacidade de os alunos relacionarem conhecimentos existentes com os que vão sendo construídos, o que leva à inovação e mudança do sistema educativo. O computador na sala de aula desempenha, essencialmente, um papel de auxiliar ao trabalho do professor, a quem cabe escolher adequadamente a tecnologia e justificar a sua utilização para o tema a trabalhar, bem como a mais-valia do seu uso e como pode apoiar o processo de ensino e aprendizagem.

Para concluir, considero que apesar de não ter recolhido evidências significativas para a minha investigação, os desafios enfrentados foram promotores de inúmeras aprendizagens, se conseguirmos que os alunos se envolvam ativamente no seu processo de aprendizagem, através de pesquisa e na descoberta de novas formas de interação com o próprio conhecimento, maior será o sucesso educativo dos mesmos. Nunca imaginei em situação alguma que fosse ter que concretizar o estágio nestas condições e dar aulas neste formato de ensino a distância, o qual acabou por promover novas experiências a todos os intervenientes deste formato de ensino, professores, alunos e famílias.

Reflexão Final

Após a todo o percurso formativo no decorrer deste mestrado, considero que a formação de professores consiste num processo de construção da sua própria identidade, baseado em conhecimentos multidimensionais, experiências e aprendizagens surgidas nos contextos em que vai decorrendo a atividade profissional. Todo este percurso foi determinante para o meu desenvolvimento profissional, pois compreendeu a mobilização e aprendizagem de competências de análise e reflexão de saberes relativos à intencionalidade educativa potenciando assim a aquisição de novas aprendizagens e conceções sobre a educação e o currículo, sobre os alunos e sobre a própria profissão de professor.

O processo de planificar permitiu-me realizar escolhas pedagógicas que determinaram a minha ação educativa., pois considero que o professor para além de ter que ser detentor dos conteúdos inerentes às disciplinas que leciona, deve de promover e aplicar estratégias de ensino desafiantes e motivadoras para os alunos. Como afirma Augusto Cury (2003) “Bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas, professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações” (p. 26). Torna-se assim necessário dotar os alunos de ferramentas de forma a que eles autonomamente consigam concretizar as aprendizagens.

Nos contextos de PES quer do 1º CEB, quer do 2º CEB pude observar momentos em que foram debitados conteúdos aos alunos sem qualquer adequação ao grupo de alunos que se encontrava na sala, no que se refere à disciplina de Português e na desmotivação pela leitura considero que a mesma requer de alguma ludicidade para a sua motivação, sendo que adotei algumas estratégias para a sua concretização que foram bem aceites pelos mesmos aquando da leitura de textos e obras literárias. Roldão (2013) alude que, a ação de ensinar deve ajustar-se ao contexto dos intervenientes no sentido de maximizar o sucesso de quem aprende. Para Cury (2003), a escola ideal deve ser baseada na arte de questionar, tendo como objetivos o “reacender da motivação, desenvolver o questionamento, enriquecer a interpretação de textos e enunciados, abrir as janelas da inteligência”, porque “a dúvida é o princípio da sabedoria” (p. 46). Assim, pude no decorrer das várias PES perceber que os alunos através do diálogo e questionamento interativo relacionado com os conteúdos que estão a ser desenvolvidos se motivam para a aprendizagem e interagem também questionam conseguindo assim esclarecer as suas dúvidas e concretizar aprendizagens. Atento também,

que a pandemia, apesar de já não estar presente, veio alterar a nossa forma de ensino, transferir e aplicar novas estratégias as quais não pensaríamos ter que recorrer, mas as quais transferimos atualmente para nossos alunos no ensino presencial.

A realização da investigação permitiu-me também avaliar a minha prática educativa, apesar dos constrangimentos que tive para a sua operacionalização, conforme menciona Alarcão (2001), “ser professor-investigador é, pois, primeiro que tudo ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona. (...) Ser professor-investigador é ser capaz de se organizar para, perante uma situação problemática, se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução”. (p.6). Este percurso investigativo fez-me evoluir e realçar mais uma vez a importância que a reflexão, o questionamento e a procura de novas metodologias e estratégias para o ensino aprendizagem dos alunos contribui para a aquisição de competências por parte dos mesmos contribuindo assim para o seu sucesso escolar.

Este estudo exploratório contou com muitas limitações, sendo uma delas o facto de na primeira PES do 2º ciclo, os nossos professores cooperantes não estarem a contar receber algumas estagiárias na sua sala e foram avisados da nossa chegada, no dia da nossa chegada. O nosso percurso foi mais moroso pois tivemos que nos ajustar ao contexto educativo e criar empatia dos nossos professores cooperantes para que a nossa presença fosse bem aceite e posteriormente conseguirmos desenvolver o nosso percurso formativo. No entanto o principal fator para não conseguir recolher as evidências que pretendia, foi a situação pandémica que atravessámos no decorrer da 2ª PES do 2º ciclo, na qual pretendia realizar atividades presenciais que resultariam nas evidências pretendidas, mas com o facto do ensino ser todo a distância no formato online, não consegui efetivar as mesmas, tendo apenas concretizado o questionário online aos alunos. No entanto apesar de todas as limitações, consegui apresentar algumas respostas às identificadas para o meu estudo.

No decorrer de todo o meu percurso muitas foram as experiências vividas nos diversos contextos educativos. A complementação dessas experiências com a reflexão que faço das mesmas, pesquisas e investigação que compõem o presente relatório não só contribuíram para a construção da minha formação, mas também para o meu crescimento pessoal e profissional.

Fica a vontade de aprofundar mais os meus conhecimentos referentes à gestão do ambiente educativo não só na promoção da leitura, mas sim em todas as aprendizagens nas diversas disciplinas que poderei vir a lecionar. Também o facto de haver poucos estudos neste âmbito realizados acerca desta temática, deixo como ponto de partida para futuras

investigações a organização do ambiente educativo e o desenvolvimento de atividades que promovam o gosto pela leitura para que futuramente possamos desenvolver e estimular competências literárias nos nossos alunos.

Referências Bibliográficas

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.

Araújo, H. (2012). *Projetos de leitura e trabalho colaborativo: conceções e práticas de professores e professores bibliotecários*. (Dissertação de Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares). Departamento de educação e ensino a distância, Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2349/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Helena%20Ara%C3%BAjo%20VERSAO%20FINAL.pdf>

Arends, R. I. (2008). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill .

Bodgan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cardoso, Jorge Rio (2013). *O professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, S.A

Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Edições Almedina, 2ª edição.

Curto, L. M.; Morillo, M. & Teixidó, M. M. (2008). *Escrever e Ler: Vol. 1 – Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. São Paulo: Artmed.

Cury, A. J. (2003). *Pais brilhantes Professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante.

Estrela, M.T. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.

Figueiroa, A e Monteiro, A.(orgs).2018. *Ambientes educativos inovadores e competências dos estudantes para o século XXI. Research in Education and Community Intervention (RECI-IP)*. Santo Tirso: Whitebooks, 1ª edição.

Formosinho, J. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância -Construindo uma praxis de participação*. Porto: Porto Editora, 3ª edição.

Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto: Porto Editora.

Lauriti T, e Cristal W.(orgs). *Literatura Infantil e Juvenil: Abordagens Múltiplas*, (Pedagogia de A a Z, Vol.7), Paco Editorial, Jundiaí, 2013. http://www.academia.edu/31472974/Literatura_infantil_e_juvenil_abordagens_multiplas.

Martins, J. & Azevedo, F. (2016). Educação literária e mediadores. In F. Azevedo & A. Balça (Eds.), *Leitura e Educação Literária: Pactor*.

Melão, D. (2010). *Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re)construção da(s) literacia(s)*. Exeda, nº 3., em http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/526/1/06A-Dulce-melao_pp_75-90.pdf

Ministério da Educação/ Direção Geral de Educação, (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: M.E / DGE.

Moore G. Michael e Kearsley Greg (2013): *Educação a distância Sistemas de aprendizagem on-line em:*<https://pesquisaeducacao.files.wordpress.com/2013/10/moore-kearsley.pdf>

Plano Nacional de Leitura 2027. (2017). Quadro estratégico Plano Nacional de Leitura 2027. <https://www.pnl2027.gov.pt/np4EN/file/8/QE.pdf>

Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. Em GTI (Ed.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.

Ramos, I. (2010). *O PNL e as TIC: efeitos na relação dos alunos com a leitura*. Aveiro: Universidade de Aveiro. em <http://ria.ua.pt/handle/10773/3793>

Richardson, Roberto, et.al., (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Roldão, M (2013). *Desenvolvimento do currículo e melhoria de processos e resultados*. Universidade Católica Portuguesa, 131– 140.

Santos, E. M. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto Editora.

Scheneiders, L. A. (2018). *O método da sala de aula invertida (flipped classroom.)*. Lajeado: Editora Univates. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/256/pdf_256.pdf.

Silva,T.(2009). *O professor leitor: Disponível em: http://leituraensino.blogspot.com/2009/10/o-professor-leitor.html*.

Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: Compreensão de Textos*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sim-Sim, I. (2009). *O Ensino da Leitura: A Decifração*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sobrinho, J. G. (2000). *A criança e o livro*. Porto Editora: Porto.

Teixeira, M, T. e Reis, M, F. *A Organização do Espaço em Sala de Aula e as Suas Implicações na Aprendizagem Cooperativa*. *Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 162-187, mai./ago. 2012.

Veríssimo, A. (2000). *Registos de Observação na Avaliação do Rendimento Escolar dos Alunos*. Porto: Areal Editores.

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.

Anexos

Anexo I - Grelha de observação do trabalho em grupo

Atividade / conteúdo observado:			
Aspetos a observar	Sim	Mais ou menos	Não
A atividade foi compreendida			
Todos os elementos participaram no desenvolvimento da atividade			
O grupo utilizou o tempo apenas para o desenvolvimento da atividade			
Todos os elementos participaram no desenvolvimento da atividade			
Houve liderança no decorrer da atividade			
Houve interação, manifestação de opiniões, propostas de diferentes ideias			
O grupo mostrou compreensão do conteúdo proposto			
Todos os participantes estiveram envolvidos			

Data: _____

Observações:

Elementos do grupo: _____

A estagiária: _____

Anexo II - Grelha de Observação de Aula

Alunos	Nome																	
	PORT.	Leitura e escrita	Identifica o tema e o assunto do texto															
Interpreta e responde ao questionário sobre o texto																		
Realiza corretamente uma produção escrita																		
Oralidade		Compreende as questões realizadas																
		Debata ideias referentes ao texto, imagem apresentados																
		Informa, explica e fundamenta a sua opinião																
EDUCAÇÃO LITERÁRIA	Obra "Pedro Alecrim"	Compreende o conteúdo da obra																
		Preencheu corretamente a grelha de registo dada																
		O resumo da obra revela conhecimento da mesma																

Nota: A grelha foi realizada de acordo com os conteúdos a observar no decorrer do estágio sendo fotocopiada sempre que foi necessário.

Avaliação: Sim - S | Mais ou menos - +/- | Não – N

Observações: _____

A estagiária: _____

Anexo III – Questionário para Kaoot – “A Viúva o Papagaio”

1. Qual o título deste livro?

2. Quem é o autor ou autora deste livro?
 - a) Sophia de Mello Breyner Andresen;
 - b) Vergílio Alberto Vieira;
 - c) Virginia Woolf.

3. Virginia Wolf nasceu no ano ...

4. Virginia Woolf nasceu em...

5. As pessoas que fazem os desenhos para os livros chamam-se...
 - a) pintores;
 - b) desenhadores;
 - c) ilustradores.

6. A autora deste livro morreu em...

7. A Viúva e o Papagaio é...
 - a) um texto narrativo;
 - b) um livro escrito em verso;
 - c) um texto dramático.

8. A Sra. Gage vivia...
 - a) numa casinha no condado de Yorkshire;
 - b) num palácio no condado de Yorkshire;
 - c) numa casinha em Londres.

9. A Sra. Gage era...
 - a) velha, magra e gaga.
 - b) jovem, manca e míope.
 - c) velha, manca e míope.

- 10.** A Sra. Gage tinha...
- a) uma situação económica desafogada.
 - b) poucos xelins, por isso era pobre.
 - c) muito xelins, por isso vivia muito bem.
- 11.** Quando consertava um tamanco recebeu uma carta...
- a) de um amigo;
 - b) de um escritório de advogados;
 - c) do seu irmão.
- 12.** A carta comunicava-lhe...
- a) o falecimento do pai;
 - b) o falecimento da mãe;
 - c) o falecimento do irmão.
- 13.** A carta dizia ainda que receberia...
- a) parte da fortuna do irmão;
 - b) toda a fortuna do irmão;
 - c) metade da fortuna irmão.
- 14.** O irmão falecido chamava-se...
- a) Joseph;
 - b) John;
 - c) Jonathan.
- 15.** A Sra. Gage, quando recebeu a carta, ficou...
- a) muito triste com a morte do irmão;
 - b) indiferente, pois não se dava com o irmão;
 - c) muito contente com a morte do irmão.
- 16.** A fortuna a receber correspondia a...
- a) três mil libras, a fábrica e muito mais;
 - b) três mil libras, a casa e muito mais;
 - c) cinco mil libras, a casa e muito mais.
- 17.** Que decidiu então a Sra. Gage?
- a) escrever aos advogados;
 - b) telefonar para os advogados;
 - c) ir imediatamente a Rodmell.

18. Quem lhe emprestou o dinheiro para a viagem?

- a) a sua amiga e vizinha;
- b) o pároco da aldeia;
- c) o médico da aldeia.

19. A sua preocupação antes da viagem era...

- a) o seu cão;
- b) o seu papagaio;
- c) as galinhas e os coelhos.

20. Quando chegou a Lewes?

- a) no domingo;
- b) na terça-feira;
- c) na quinta-feira.

21. Parte da viagem foi feita à boleia...

- a) no automóvel do lavrador Stacey;
- b) na carroça do pároco;
- c) na carroça do lavrador Stacey.

22. Mal chegou a Rodmell, a Sra. Gage dirigiu-se...

- a) à casa que o irmão lhe havia deixado;
- b) à estalagem, para passar a noite;
- c) ao escritório dos advogados.

23. Quem proferiu a frase “Não ‘tá casa!”?

- a) a mulher do irmão;
- b) o papagaio;
- c) a velhota da aldeia.

24. Na casa do irmão, quem lhe abriu a porta?

- a) o papagaio;
- b) uma vizinha do irmão;
- c) a mulher do seu irmão.
- d)

25. Como se chamava o papagaio?

- a) Peter;
- b) Joseph;
- c) James.

26. O papagaio era...

- a) muito formoso, mas tinha as penas em grande desmazelo;
- b) muito colorido, mas tinha as penas em grande desmazelo;
- c) muito feioso, mas tinha as penas muito bem tratadas.

27. A Sra. Gage ofereceu ao papagaio...

- a) fruta;
- b) sementes de girassol;
- c) açúcar.

28. A Sra. Gage foi ver a casa e levou uma...

- a) lamparina;
- b) vela;
- c) lanterna.

29. A casa que o irmão lhe deixara estava...

- a) em muito bom estado e, por isso, valia muito dinheiro;
- b) em muito mau estado e, por isso, não valia nada;
- c) em muito mau estado, mas a mobília era nova e de boa qualidade.

30. O Sr. Stage disse à viúva que...

- a) a propriedade que o irmão lhe deixara era muito valiosa;
- b) já tinha consigo as três mil libras que o irmão lhe deixara;
- c) vendesse o papagaio pela quantia que lhe quisessem pagar.

31. A Sra. Gage sentiu-se...

- a) enlouquecer de desilusão;
- b) enlouquecer de alívio;
- c) enlouquecer de raiva.

- 32.** A Sra. Gage considerava o irmão...
- a) uma excelente pessoa;
 - b) um traste e um sovina;
 - c) um protetor dos animais.
- 33.** A Sra. Gage regressou a Rodmell...
- a) a pé, mas muito devagar.
 - b) a pé e com passos rápidos.
 - c) apanhou boleia na carroça do Sr. Stacey.
- 34.** A meio do caminho, o maior problema...
- a) eram os ataques dos lobos;
 - b) era a travessia do rio a vau;
 - c) eram os assaltos.
- 35.** Quando estava na margem do rio sem saber o que fazer, surgiu...
- a) o Sr. Stacey que a ajudou;
 - b) uma estrela cadente, no céu;
 - c) uma luz enorme, no céu.
- 36.** Aquela luz enorme era...
- a) a casa do irmão falecido, que estava a arder;
 - b) a casa do pároco da aldeia, que estava a arder;
 - c) o estábulo do Sr. Stacey, que estava a arder.
- 37.** Quando chegou junto da casa a arder, a Sra. Gage preocupou-se com...
- a) o prejuízo;
 - b) o papagaio;
 - c) a mobília.
- 38.** A Sra. Gage não conseguia dormir, porque estava...
- a) preocupada com a dívida e com o papagaio;
 - b) com saudades da sua casa e do seu cão;
 - c) furiosa por causa do desaparecimento do dinheiro.

- 39.** Quando estava deitada, quem bateu na janela?
- a) o reverendo Samuel.
 - b) o irmão Joseph.
 - c) o papagaio James.
- 40.** O papagaio conduziu a Sra. Gage para...
- a) o vau do rio, onde ela morreria afogada;
 - b) a casa do reverendo Samuel Tallboys;
 - c) as traseiras da casa onde estivera, originalmente, a cozinha.
- 41.** Ao chegarem à casa queimada, o papagaio...
- a) ficou muito calmo;
 - b) atacou a Sra. Gage;
 - c) ficou em grande excitação.
- 42.** A Sra. Gage viu no chão...
- a) uma ligeira irregularidade no assentamento dos tijolos;
 - b) uma pintura de várias cores nos tijolos do chão;
 - c) uma grande irregularidade no assentamento dos tijolos.
- 43.** A Sra. Gage tirou o primeiro tijolo com...
- a) um martelo;
 - b) as suas mãos;
 - c) os dois pés.
- 44.** Debaixo dos tijolos da cozinha, o irmão da Sra. Gage guardava...
- a) milhares de soberanos novinhos em folha;
 - b) milhares de dólares novinhos em folha;
 - c) milhares de euros novinhos em folha.
- 45.** Os soberanos estavam cobertos com...
- a) uma substância pegajosa e depois enrolados na terra;
 - b) palha e depois enrolados na terra;
 - c) areia e depois cimento.

- 46.** O tesouro era constituído por...
- a) quatro mil moedas;
 - b) duas mil moedas
 - c) três mil moedas.
- 47.** Afinal o papagaio revelou ser um animal...
- a) trabalhador;
 - b) estúpido;
 - c) sagaz.
- 48.** No dia seguinte, o lavrador Stacey reparou muito admirado...
- a) no peso da mala da Sra. Gage;
 - b) na tristeza da Sra. Gage;
 - c) na alegria do papagaio James.
- 49.** O lavrador Stacey ofereceu pelo papagaio...
- a) um xelim;
 - b) uma corda;
 - c) meia coroa.
- 50.** A Sra. Gage, depois de regressar a sua casa, viveu com...
- a) o papagaio James;
 - b) o papagaio James e um gato James e o cão Shang.
- 51.** A Sra. Gage contou a história do dinheiro...
- a) à sua amiga e vizinha;
 - b) à polícia;
 - c) ao pároco Samuel.
- 52.** Ao ouvir a história, o pároco Samuel achou que a Sra. Gage estava...
- a) delirante;
 - b) deprimida;
 - c) velha.

53. Que aconteceu ao papagaio?

- a) acabou por morrer de saudades do antigo dono;
- b) morreu ao mesmo tempo que a Sra. Gage;
- c) fugiu e regressou à casa do antigo dono.

Anexo IV – Questionário Ambientes de Leitura



Ambientes de leitura

Este questionário é realizado no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada e tem como objetivo verificar quais os ambientes para realização leituras preferidos pelos alunos.

npcarla@gmail.com (not shared) [Switch account](#)

* Required

1. Antes de iniciares o questionário gostaria que indicasses a tua idade *

- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- Outro; _____

2. Qual o teu sexo? *

Mark only one oval.

- Feminino
- Masculino

3. Numa escala de 1 a 5 indica o quanto gostas de ler *

Em que 1 significa que não gostas nada e 5 que gostas muito de ler

Mark only one oval.

—
1

2

3

4

5

4. Onde costumás ler? *

Check all that apply.

No quarto

Na sala

Na varanda

No jardim/parque

Na escola

Outro _____

5 Como costumás ler? *

Check all that apply.

- Sozinho
- Com o pai
- Com a mãe
- Em família
- Com amigos
- Outro; _____

6. Que tipos de livros mais gostas de ler? *

Check all that apply.

- Aventura
- Conto Tradicionais Poesia
- Banda desenhada
- Comédia
- Narrativas
- Outro; _____

7. Tens por hábito ler livros que não sejam de leitura obrigatória a realizar na escola? *

Mark only one oval.

- Sim, com frequência
- Sim, com pouca frequência
- Não

8. Qual foi o último livro que leste? *

9. Há quanto tempo é que leste o último livro? *

Mark only one oval.

- À 1 semana
- À 2 semanas
- O mês passado
- Outro _____

10. Na escola onde preferes ler? *

Check all that apply.

- Na sala de aula
- Na biblioteca
- No recinto exterior/ recreio
- No bar
- Outro; _____

11. Das atividades de leitura realizadas na escola, qual é a da tua preferência? *

Check all that apply.

- Leitura, na sala de aula, autónoma e silenciosa
- Leitura, na sala de aula, em voz alta para a turma
- Leitura, na sala de aula, realizada pelo professor em voz alta para a turma
- Leitura, na sala de aula, projetada na tela pelo vídeo-projetor
- Leitura na biblioteca, projetada pelo videoprojetor, realizada de forma autónoma
- Leitura na biblioteca, realizada pela professora bibliotecária
- Outro; _____

12. A obra de Educação Literária "Pedro Alecrim" (6º ano) e "O príncipe nabo" (5º ano) foi lida na sala de aula, na biblioteca e agora terminaste a sua leitura nas aulas online. Qual das formas de leitura preferiste? *

Check all that apply.

- Sala de aula
- Biblioteca
- Aulas online

13. Se fosse realizada a leitura de outra obra de Educação Literária na tua escola, onde gostarias de a ler? *

Check all that apply.

- Sala de aula
- Biblioteca
- Aulas online
- No recinto exterior /recreio

14. As atividades de leitura realizadas na tua escola fazem com que leias mais?

Mark only one oval.

- Sim
- Em parte
- Pouco
- Nada
- Outro; _____

15. Na tua escola, é dedicado algum tempo, por semana, da aula de português à leitura autónoma de um livro à tua escola?

Mark only one oval.

- Sim, todas as semanas
- Sim, de 2 em 2 semanas
- Sim 1 vez por mês
- Raramente
- Nunca
- Outro; _____

16. Como está organizado o ambiente de aprendizagem na tua sala de aula? *

Check all that apply.

- Mesas de trabalho individual
- Mesas de trabalho em grupo
- Mesas de trabalho a pares
- Mesas em forma de U
- Mesas em forma de círculo
- Nenhum dos anteriores
- Outro: _____

17. Como gostarias que o ambiente de aprendizagem na tua sala estivesse organizado? *

Check all that apply.

- Mesas de trabalho individual
- Mesas de trabalho em grupo
- Mesas de trabalho a pares
- Mesas em forma de U
- Mesas em forma de círculo
- Nenhum dos anteriores
- Outro; _____

18. Como preferes realizar as tuas aprendizagens na sala de aula? *

Check all that apply.

- Sozinho, apenas com a ajuda do professor
- Em grupo, com a ajuda do professor
- A pares, com a ajuda do professor
- Nenhuma das anteriores
- Outro: _____

19. Gostarias de ter aulas noutro local sem ser a sala de aula? Se sim, qual?

20. Qual dos ambientes de aprendizagem, das imagens abaixo gostarias que a tua escola tivesse?



Check all that apply.

Ambiente de aprendizagem 1

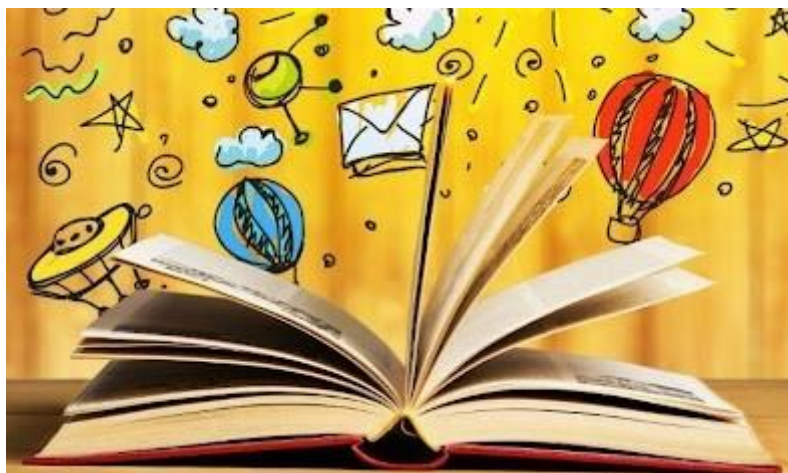
Ambiente de aprendizagem 2

Outro _____



Ambiente de aprendizagem 3

Obrigada pela tua Participação!



This content is neither created nor endorsed by Google.

Google Forms